

# SOCIOLOGIA DO TURISMO

---

# TECNOLOGIA EM HOTELARIA



**Ministério da Educação - MEC**

**Coordenação de Aperfeiçoamento  
de Pessoal de Nível Superior**

**Universidade Aberta do Brasil**

**Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia do Ceará**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Aberta do Brasil  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará  
Diretoria de Educação a Distância

Tecnologia em Hotelaria  
Sociologia do Turismo

Marcus Tullius Soares Falcão

Fortaleza, CE  
2010

# CRÉDITOS

## **Presidente**

Luiz Inácio Lula da Silva

## **Ministro da Educação**

Fernando Haddad

## **Secretário da SEED**

Carlos Eduardo Bielschowsky

## **Diretor de Educação a Distância**

Celso Costa

## **Reitor do IFCE**

Cláudio Ricardo Gomes de Lima

## **Pró-Reitor de Ensino**

Gilmar Lopes Ribeiro

## **Diretora de EAD/IFCE e Coordenadora UAB/IFCE**

Cassandra Ribeiro Joye

## **Vice-Coordenadora UAB**

Régia Talina Silva Araujo

## **Coordenador do Curso de Tecnologia em Hotelaria**

José Solon Sales e Silva

## **Coordenador do Curso de Licenciatura em Matemática**

Zelalber Gondim Guimarães

## **Elaboração do conteúdo**

Autor: Marcius Tullius Soares Falcão

## **Colaborador**

Jane Fontes Guedes

## **Equipe Pedagógica e Design Instrucional**

Ana Cláudia Uchôa Araújo

Andréa Maria Rocha Rodrigues

Cristiane Borges Braga

Eliana Moreira de Oliveira

Gina Maria Porto de Aguiar Vieira

Iraci Moraes Schmidlin

Jane Fontes Guedes

Jivago Silva Araújo

Karine Nascimento Portela

Livia Maria de Lima Santiago

Luciana Andrade Rodrigues

Maria Irene Silva de Moura

Maria Vanda Silvino da Silva

Marília Maia Moreira

Regina Santos Young

## **Equipe Arte, Criação e Produção Visual**

Ábner Di Cavalcanti Medeiros

Benghson da Silveira Dantas

Davi Jucimon Monteiro

Diemano Bruno Lima Nóbrega

Germano José Barros Pinheiro

Gilvandenys Leite Sales Júnior

Hommel Almeida de Barros Lima

José Albério Beserra

José Stelio Sampaio Bastos Neto

Larissa Miranda Cunha

Marco Augusto M. Oliveira Júnior

Navar de Medeiros Mendonça e Nascimento

Roland Gabriel Nogueira Molina

## **Equipe Web**

Aline Mariana Bispo de Lima

Benghson da Silveira Dantas

Fabrice Marc Joye

Igor Flávio Simões de Sousa

Luiz Alfredo Pereira Lima

Luiz Bezerra de Andrade Filho

Lucas do Amaral Saboya

Ricardo Werlang

Samantha Onofre Lóssio

Tibério Bezerra Soares

Thuan Saraiva Nabuco

## **Revisão Conteúdo**

Jane Fontes Guedes

Luciana Andrade Rodrigues

## **Revisão Textual**

Aurea Suely Zavam

Nukácia Meyre Araujo de Almeida

## **Revisão Web**

Débora Liberato Arruda Hissa

Saulo Garcia

## **Logística**

Francisco Roberto Dias de Aguiar

Virgínia Ferreira Moreira

Secretários

Breno Giovanni Silva Araujo

Francisca Venâncio da Silva

## **Auxiliar**

Bernardo Matias de Carvalho

Carla Anaile Moreira de Oliveira

Maria Tatiana Gomes da Silva

Wagner Souto Fernandes

Zuila Sâmea Vieira de Araújo

Catálogo na Fonte: Etelvina Marques (CRB 3 – Nº 615)

F178s Falcão, Marcius Tullius Soares  
Sociologia do turismo / Marcius Tullius Soares Falcão; Coordenação  
Cassandra Ribeiro Joye. - Fortaleza: UAB/IFCE, 2010.  
77p. : il. ; 27cm.

ISBN 978-85-63953-03-2

1. SOCIOLOGIA DO TURISMO 2. TURISMO - POLÍTICAS PÚBLI-  
CAS 3. CULTURA E TURISMO I. Joye, Cassandra Ribeiro. (Coord.) II.  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE III.  
Universidade Aberta do Brasil IV. Título

CDD – 306.48

Apresentação 7

Referências 74

Currículo 78

# SUMÁRIO

## **AULA 1** Introdução ao estudo da Sociologia 8

Tópico 1 Contexto histórico do surgimento da sociologia 9

Tópico 2 Principais pensadores da sociologia clássica:  
Comte e Durkheim 13

Tópico 3 Weber e Marx 17

## **AULA 2** Sociologia do turismo 22

Tópico 1 Noções iniciais 23

Tópico 2 Impactos sociais do turismo 27

Tópico 3 Impactos sociais do turismo: principais  
problemas sociais 34

Tópico 4 Democracia, gestão participativa e  
desenvolvimento 38

## **AULA 3** Políticas públicas de turismo 46

Tópico 1 Política 47

Tópico 2 Políticas públicas 49

Tópico 3 Políticas públicas de turismo 51

Tópico 4 Políticas públicas de turismo: O papel do estado 53

Tópico 5 As políticas de turismo no Ceará 59

Tópico 6 Políticas públicas de turismo em Fortaleza 61

## **AULA 4** **Cultura e Turismo 64**

Tópico 1 Cultura 65

Tópico 2 Identidade e turismo cultural 67

Tópico 3 O turismo e seus impactos positivos e negativos 69

Tópico 4 Patrimônio cultural e histórico de Fortaleza 71

# APRESENTAÇÃO

O turismo é uma atividade que vem se desenvolvendo rapidamente, proporcionando expectativas as mais variadas na atualidade. Infelizmente, a atenção que tem sido dada ao aspecto econômico tem superado todos os outros desta rica atividade.

O interesse tanto do setor empresarial, quanto do setor público por esta atividade centraliza-se quase que numa obcecada busca por lucro, investimento e dinheiro. A ela se creditam muitas responsabilidades, até a de contribuir para a solução de problemas como a desigualdades regionais. Porém, na prática, o que importa são os benefícios financeiros, em nada importando se pessoas vão ser prejudicadas.

Não é este o foco que queremos dar à atividade do turismo, nem mesmo tratá-lo como uma indústria, sem chaminé, como alguns indivíduos a batizam. O nosso alvo é vê-la de uma forma diferente, que vá além da visão capitalista.

As multifaces da atividade turística a tornam um verdadeiro fenômeno que não se pode restringir apenas ao aspecto econômico. Ela deve ser vista por seus vários aspectos e estudada a partir de vários focos para uma melhor compreensão e apropriação de sua essência e não apenas das aparências.

É neste contexto que nos propomos a estudá-la, a partir de uma orientação sociológica num viés histórico, centrando nossa reflexão não no turista ou empresário exclusivamente, mas na comunidade local, nos residentes, aqueles que vão receber os turistas e enfrentar as seqüelas de uma atividade turística desenvolvida apenas para benefício de uma minoria, o setor mais abastado.

Nossa proposta aponta para um turismo desenvolvido a partir do local, da comunidade envolvida com elaboração e avaliação da política pública, de forma que a gestão participativa se concretize e os impactos sejam mais positivos do que negativos. É o turismo sustentável com base local. Mais humano e cidadão.

Vamos ao nosso estudo!

# AULA 1

## Introdução ao estudo da Sociologia

Nesta aula, você vai conhecer um pouco do que seja a sociologia. Será na verdade uma breve apresentação desta ciência, onde apresentaremos alguns conceitos e uma breve exposição sobre a sua origem.

É muito importante você atentar para este começo e daí perceber a grande relevância da sociologia para uma melhor compreensão da sociedade em que vive.

# TÓPICO 1

## Contexto histórico do surgimento da sociologia

### OBJETIVO

- Você deverá conhecer e caracterizar o contexto da origem da sociologia, conceituá-la e emitir sua opinião sobre sua relevância para o estudo da sociedade

**A**credito que uma pergunta deve estar surgindo na sua cabeça: estou fazendo um Curso de Tecnologia em Hospedagem e vou estudar a disciplina Sociologia. Por quê? Antes de responder a esta pergunta, é preciso lhe dizer que você vai estudar Sociologia do Turismo, em outras palavras, o turismo como objeto de estudo da Sociologia, instrumento de auxílio para melhor compreender a dimensão social estabelecida pelas relações geradas na atividade turística.

A sua pergunta então pode ser respondida com o próprio objetivo geral da disciplina: proporcionar a você condições para analisar a relevância social do turismo, mas ao mesmo tempo de criticar os custos sociais gerados por ele e como buscar alternativas diante dos desafios criados pelos impactos ocasionados pela atividade turística.

Com certeza, aí onde você mora, deve estar em evidência a atividade turística e a compreensão de sua importância social talvez não tenha sido percebida, por falta de uma conscientização ou por se valorizar apenas o seu lado econômico. Queremos com este estudo que você e sua comunidade ganhem com o turismo, mas não um turismo selvagem e sim que aponte para a inclusão social com um desenvolvimento sustentável.



### ATENÇÃO!

Desenvolvimento sustentável consiste no processo de desenvolvimento em que há um equilíbrio entre desenvolvimento econômico, equidade social e respeito ao meio natural e cultural. Na aula será trabalhada esta concepção.

Justamente por estas razões vamos estudar a Sociologia do Turismo, contudo será preciso conhecer um pouco da Sociologia, de sua origem, de seus objetivos, de suas tendências e de sua afirmação como ciência.

## 1. O QUE É SOCIOLOGIA?

---

A palavra sociologia vem do latim *sociu* + *lógos* do grego. Trata-se de uma ciência que estuda a constituição das sociedades humanas a sua evolução e desenvolvimento ou, em outras palavras: “Ciência que tem por objeto o estudo das sociedades humanas em geral e de todos os fenômenos sociais” (Dicionário Brasileiro Globo Multimídia). Além disso, a sociologia, que não tem a sociedade como seu objeto final, trabalha com um objeto sem limites definidos ou delimitados.

Você deve então perceber que a sociologia se configura não simplesmente pelo seu objeto, mas sim pela maneira de realização do estudo científico, da análise e da interpretação dos fenômenos ocorridos na sociedade. O modo como o sociólogo desenvolve a investigação sobre determinado fenômeno ou acontecimento social é que caracteriza a pesquisa como sociológica, por conseguinte, o objeto de estudo da sociologia. Observe você que, de acordo com os pesquisadores sociais, principalmente os clássicos da sociologia, variações quanto ao objeto ocorrem, e é o que vamos ver ao tratar dos principais pensadores da sociologia: Comte, Durkheim, Weber e Marx.

É relevante que você não esqueça que a sociologia, ao definir seu objeto de estudo, se expande para outros ramos do conhecimento, tornando-os alvos de sua investigação, tais como: sociologia ambiental, sociologia médica, sociologia do turismo, sociologia cultural, sociologia do conhecimento, semografia social, sociologia da ciência, sociologia industrial, sociologia da arte, sociologia do trabalho, sociologia urbana, sociologia da religião, sociologia das organizações, sociologia rural e sociologia jurídica.

## 2. ORIGEM DA SOCIOLOGIA

---

A fim de você entender o surgimento da Sociologia, é fundamental o conhecimento do contexto histórico no qual ela se inseriu. E isso é preciso mesmo? Sim, é preciso. Nenhuma Ciência surgiu do nada, deve estar sempre atrelada à necessidade de dar respostas a muitos problemas existentes na sociedade e, de maneira geral, no mundo, numa determinada época e local. Foi assim que surgiram as ciências naturais. Não poderia ser diferente as humanas, embora seja necessário respeitar as

suas diferenças e os métodos de como se procedem as suas investigações em busca de explicações e sugestões para os problemas sociais.

O surgimento da Sociologia está atrelado ao desenvolvimento do Capitalismo como modo de produção predominante em alguns países da Europa. Dito de outra forma, ela surge no contexto gerado pelas transformações ocasionadas por vários processos revolucionários, como a Inglesa, a Industrial, a Francesa, o Iluminismo e outras mudanças na Europa e América. Estas são exemplos claros de tais transformações à medida que põem um ponto final para o Antigo Regime nos seus respectivos países. É o fim da transição do feudalismo e de seus resquícios que dá lugar a uma nova realidade: a capi-talista. Com o capitalismo, muitos problemas sociais surgiram ou se agravaram sendo chamado o conjunto desses problemas, naquela época, de questão social. A Sociologia surge para apontar soluções para esta nova realidade do final do século XIX.

### 3. SURGE A SOCIOLOGIA

---

Foi neste momento que pensadores ingleses como Owen, Thompson, Bentham, começaram a entender que a nova realidade se constituía num novo “objeto” de estudo, não para teorizarem ou filosofarem sobre os novos temas, mas para encontrar um caminho real, isto é, ações que possibilitassem a resolução dos problemas sociais identificados. Na França, outros pensadores também seguiram este percurso, por exemplo, Saint-Simon e Fourier, que entendiam a necessidade de uma intervenção na sociedade, suas soluções partiam de ações ou do governo, ou dos próprios empresários, e até com atitudes benevolentes.

Detalhe, não contavam com a atuação dos trabalhadores como os responsáveis pela ação de mudanças na sociedade. Por isso, esses pensadores foram chamados de socialistas utópicos.

Apesar disto não podemos desconsiderar suas preocupações, pois constituíram-se em passo importante para o surgimento da sociologia. Mas foi Augusto Comte que deu o grande passo. Vejamos. Ele entendeu que só uma ciência podia realmente tratar das questões que surgiam com as transformações sociais. Comte buscou aplicar o mesmo método das ciências naturais para entender e compreender a sociedade. Para ele a sociologia deveria orientar-se



#### ATENÇÃO!

Como o nome indica, o Socialismo Utópico vem “do fato de seus teóricos exporem os princípios de uma sociedade ideal sem indicar os meios para alcançá-la”.

no sentido de conhecer e definir aquilo que ele chamava de leis imutáveis da vida social, sem emitir qualquer postura crítica ou reflexiva, sem mesmo discutir sobre a realidade. Comte fundou a sociologia positiva, entendendo que o pesquisador só poderia pesquisar de forma objetiva, isto é, sem envolvimento com o objeto de estudo.



### ATENÇÃO!

O que você precisa saber é que o nome sociologia foi usado pela primeira vez por volta de 1830. O termo Sociologie foi cunhado por Comte, que esperava unificar todos os estudos relativos ao homem.

Ressaltamos que somente com Durkheim a Sociologia se constituiu em disciplina universitária e reconhecida como ciência. Num artigo publicado em 1900, ele afirmou que a sociologia era uma “ciência essencialmente francesa” (RODRIGUES, 1999, p. 16). Foi em 1910 que ela assumiu, com Durkheim em Sorbonne, a condição de disciplina acadêmica, o que implicou um status fantástico, e uma conquista para a nova ciência.

# TÓPICO 2

## Principais pensadores da sociologia clássica: Comte e Durkheim

### OBJETIVOS

- Conhecer alguns dos principais pensadores da sociologia clássica, mais especificamente Auguste Comte e Durkheim, considerados fundadores da sociologia
- Conhecer e caracterizar o contexto da origem da sociologia, conceituá-la e emitir sua opinião sobre sua relevância para o estudo da sociedade

**É** muito importante você atentar para as principais obras e ideias desses pensadores, pois elas serão de grande valia para o entendimento e análise da atividade turística e sua repercussão na sociedade ou comunidade local.

### COMTE

---

No tópico anterior, você pôde conhecer um pouco do contexto em que surgiu e se desenvolveu a Sociologia como ciência. Viu alguns conceitos sobre ela e algumas de suas tendências. Tais tendências ou variações quanto ao objeto e metodologia existem por conta das variações de entendimento e estudos desenvolvidos por seus princípios teóricos fundadores, bem como pelas adequações recebidas no seu amadurecimento em diferentes lugares.

Vamos, neste tópico, expor um pouco dos seus principais fundadores: Comte e Durkheim, homens que em seu tempo pensaram de formas avançadas.

Começamos falando de Comte, pensador que nasceu em Montpellier, França, numa família católica e favorável à monarquia. É fundamental destacar o contexto no qual viveu sua infância, o que, com certeza, deixou marcas na sua obra. Viveu sua infância em plena França Napoleônica. Parte de seus estudos foram feitos na Escola Politécnica de Paris. Foi discípulo de Saint-Simon de quem sofreu grande influência.

Em sua vida acadêmica, dedicou-se à filosofia positivista da qual se tornou um dos grandes expoentes. O positivismo para ele era uma verdadeira religião, a

religião da humanidade, que foi proclamada em 1847. Comte supunha realizar uma missão de recuperação da humanidade. Assim, acreditava na ordem, no progresso e na possibilidade de uma sociedade positiva.



### ATENÇÃO!

Suas principais obras foram: Curso de Filosofia Positiva (1830-1842), Discurso preliminar sobre o espírito positivo(1844) e Sistema de Política Positiva ou Tratado de Sociologia instruindo a religião da humanidade, feito em quatro volumes(1851-1854).

Em suas obras, ele instituiu a coordenação científica de pensamento filosófico, com a intenção de desvendar e provar as “leis de progresso”. Segundo Junior (1982), “no sistema ele desenvolve e tira as consequências das leis sociais estabelecidas no Curso e no Discurso, e surge no sistema político-religioso destinado a reformar a sociedade”. Em outras palavras, as obras de Comte fundamentam a aplicação dos mesmos princípios das ciências naturais ao estudo da sociedade e apontam para o seu ideal de sociedade e de governo.

Neste raciocínio, encaixam-se suas ideias, dentre elas, a da religião da humanidade, o positivismo. A ordem deveria ser estabelecida no plano das ideias e dos conhecimentos, para que assim crenças comuns a todos os membros da sociedade fossem difundidas. Acreditava também que a ordem deveria ser restaurada no centro político. A partir dessa premissa, ele desenvolveu a ideia de “ditadura republicana” cujo referencial de “líder” seria um governo forte centralizado.

Mas como chegar a esta nova configuração da sociedade? Foi aí que surgiu a ciência Sociologia que, para Comte, significava o coroamento do desenvolvimento científico. Ele foi o primeiro representante e sistematizador, da nova ciência, dando inicialmente o nome de “física social” às suas análises da sociedade, isso antes de a criar o nome “sociologia”.

O termo “física social”, foi empregado em virtude de o método de estudo da sociedade que usou se assemelhar ao das ciências naturais. Esta concepção procurava identificar as mesmas relações e princípios, com os quais se explicavam os fenômenos naturais, na vida social. A sociologia estava obrigada então a esmerar-se na busca dos acontecimentos constantes e repetitivos da vida em sociedade.

Para Comte, seria através da sociologia positivista que se teria o ponto de partida para a construção da nova sociedade.

## DURKHEIM

---

Se Comte foi o primeiro sistematizador da Sociologia, considerado o pai da sociologia, batizando-a com este nome, Émile Durkheim foi quem a conduziu à condição de disciplina universitária e a emancipou das demais teorias sobre a sociedade. Ele a consolidou como disciplina criteriosamente de caráter científico e, em suas obras, buscou definir seu objeto, método e como aplicar a nova ciência.

Mas quem foi esse tal de Durkheim? Nasceu em Épinal, Departamento de Vosges, na França, a 15 de abril de 1858, falecendo em 1917. Destaca-se que este Departamento fica entre Alsácia e Lorena, região de grandes conflitos e confrontos entre franceses e alemães. Só aqui já dá para perceber o quanto ele vivenciou períodos conturbados.

A aproximação de Durkheim da sociologia se deu quando ensinou filosofia em vários liceus da província, à medida que suas reflexões apontavam para uma maior compreensão da sociedade.

Quando professor em Bordéus, lecionou sociologia, primeira disciplina dessa ciência criada na França. No começo do século XX foi para Sorbonne, acompanhado de muitos cientistas com os quais formou um grupo, conhecido como “Escola Sociológica Francesa”.

Ainda jovem, acompanhou alguns fatos que tremendamente marcaram sua geração (e outras), dentre eles a Guerra Franco – Prussiana, a Unificação Alemã, a Unificação Italiana, a “criação da III República” e o caos político, moral e ético em que esta se inseriu. Não podemos nos esquecer do imperialismo, do desenvolvimento industrial e, por que não dizer do próprio capitalismo, que tantos problemas geraram, tanto dentro como fora da França. Não podemos nos esquecer da Primeira Grande Guerra Mundial.

Você pode até perguntar o que isso tem a ver com a sociologia de Durkheim. Tem tudo. Temas como estes foram abordados tanto em suas obras como em suas aulas. Foram alvos da aplicação dos seus conceitos e noções de método para a sociologia desenvolvida por ele. Dentre os problemas acima citados, um que com certeza foi focado por David Émile foi a questão social, na visão dele, a da ordem social.

Ele entendia que só com novas ideias morais poderia se corrigir a conduta dos indivíduos. Para isso, seria preciso buscá-las. A sociologia faria isso



### ATENÇÃO!

Suas principais obras foram: Da divisão do trabalho social (1893); As regras do método sociológico (1895); O suicídio (1897); Formas elementares da vida religiosa (1912); Educação e sociologia (1922); Sociologia e filosofia; e Lições de sociologia (obra póstuma).

através de suas investigações. Com isso, acreditava que os valores morais seriam vetores eficazes para neutralizar as crises econômicas e políticas de sua época histórica. Seria a partir desses valores que se poderia criar relações estáveis e duradoras entre os homens, sendo um destes valores a solidariedade.

As principais ideias de Durkheim são fortes fundamentos de sua sociologia, estando elas espalhadas em suas obras, de certa forma, exemplos de suas referências conceituais, como “O suicídio”. Dentre suas ideias, merecem destaque: a ideia de

solidariedade, anomia, classificação das sociedades, fato social e as regras de método para investigação.

Em suas ideias, encontramos uma visão favorável à sociedade industrial. Diferentemente de Marx, não via a divisão do trabalho como algo negativo, gerador de conflitos sociais, mas sim como forte fator para o aumento da solidariedade social.



### ATENÇÃO!

Para Durkheim a anomia era, tudo que representasse ausência de regras claramente definidas. Era uma demonstração da condição de enfermidade da sociedade, de sua incapacidade de controlar o comportamento dos homens na sociedade. Ele demonstrou isso claramente na sua obra sobre o suicídio.

# TÓPICO 3

## Weber e Marx

### OBJETIVO

- Identificar, caracterizar e comentar as principais ideias dos pensadores da sociologia clássica e relacioná-las ao turismo

**N**este tópico, você continuará a estudar os principais pensadores da sociologia clássica. Vamos nos dedicar a Max Weber e Karl Marx

### WEBER, VIDA E OBRA

Desde o final do século XX e início do XXI, são muitos os processos que se desenvolvem na história, da sociedade humana. É no contexto das questões culturais, políticas, religiosas e até econômicas que os paradigmas weberianos são mais atuais. Os argumentos teóricos centrais de sua obra continuam de grande importância para os problemas de desenvolvimento econômico, social, político e cultural da atualidade.

Entretanto, você pode perguntar: quem foi Max Weber?

Alemão que viveu entre 1864 e 1920, o filho mais velho de Max Weber (pai) e Helene Weber. Começou a carreira como advogado e economista, mas seus interesses acadêmicos progressivamente se ampliaram – parte em consequência de seu envolvimento nos problemas sóciopolíticos da Alemanha de Bismarck, a Imperialista do Kaiser Guilherme II, que acabaram abrangendo uma vasta linha de questões que diziam respeito à sociedade capitalista e à cultura. Não se pode também esquecer suas preocupações com a



### ATENÇÃO!

É muito importante você atentar para as principais obras e ideias destes pensadores que muito influenciaram e ainda influenciam tanto a sociologia como outras ciências humanas. A obra de Marx e Weber, com seus conceitos e categorias do conhecimento, muito permeia a análise do turismo e de seus impactos na nossa sociedade.



## ATENÇÃO!

Suas principais obras foram: *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, *Ensaio Sociológico*, *Ciência e Política: Duas Vocações*, *História Geral da Economia*. Entendemos ser relevante destacar que sua obra não possui uma unidade, ela é contraditória, cheia de ambiguidades e de paradoxos, como as suas próprias convicções.

Religião. Neste ponto, parecido com Durkheim, também estudou religiões, mas suas abordagens foram diferentes.

Weber apoiou o feminismo e, quanto à política, foi um verdadeiro crítico, um franco atirador. Questionou os partidos políticos e o parlamentarismo. Criticou tanto o liberalismo como o conservadorismo; criticou e defendeu o imperialismo, mas nunca rompeu com sua estrutura social de origem. Também tratou da questão da burocracia, problema que afetava a Alemanha naquela época.

Weber identificou problemas sociais, mas não apontou soluções profundas. Suas limitações de classe não permitiam. Daí suas críticas ao marxismo. Buscou na religião calvinista uma explicação para o capitalismo. Para ele, o capitalismo era a forma universal de modernização e a expressão mais alta de racionalização do homem ocidental, isso como um contraponto à realidade do avanço capitalista em seu país. Ele via com bons olhos o capitalismo inglês e o dos EUA. Admirava o empresário destes países em oposição aos arbitrários e patrimonialistas da sociedade alemã.

Buscou estudar várias culturas e religiões, se dedicou principalmente às ciências sociais. Entrou nas discussões fundamentais sobre o método e principalmente sobre a relação entre objeto e valores no processo de conhecimento e investigação científica.

A contribuição weberiana, de severa relevância para as ciências sociais, é a negação da influência das ciências naturais. Aquelas não poderiam ser tratadas como estas, isto é, não se pode aplicar todos os modelos e métodos das ciências naturais sociais.

Finalizando este breve apanhado das ideias weberianas, principalmente no campo da sociologia, pode-se dizer que seu método foi marcado pelos “tipos ideais” e pelas comparações, tendo marcado sua teoria com o poder resignado.

Para Weber, enfim, a sociologia é uma ciência voltada para a compreensão inter-pretativa da ação social e, por essa via, para a explicação causal dela, no seu transcurso e nos seus efeitos.

## KARL MARX

Vamos conhecer agora um outro grande nome da sociologia, um dos grandes contribuintes para o seu desenvolvimento como ciência social: Karl Marx.

Você pode me perguntar: mas quem foi esse tal de Karl Marx? Vamos apresentá-

lo agora a você. Vamos lá?

Começemos falando um pouco de sua vida e dos acontecimentos históricos que constituíram o pano de fundo para muitas de suas ideias e base para as suas obras.

Karl Heinrich Marx nasceu em Trier (Prússia Renana) a 5 de maio de 1818, na Alemanha, e morreu em Londres, a 14 de março de 1883. Foi sem sombra de dúvida um dos fundadores da sociologia, partindo de um ponto de vista bem oposto ao dos seus pares. Foi contrário ao modelo de sociologia positivista de Comte, bem como seria dos posteriores Durkheim e Weber. Um instante. Por que então falou primeiro de Durkheim e Weber? Pelo fato de terem semelhanças teóricas e ideológicas parecidas com as de Comte, de estarem nos rastros do positivismo. Marx, por sua vez, não.

Era um revolucionário apaixonado pela causa operária que sentiu de perto os tormentos gerados pelas grandes transformações ocasionadas com a consolidação do capitalismo, o que deu à sua obra um valor fantástico como alguém que não só falava, mas que também buscou viver suas ideias.

Marx morreu em 1883, deixando um vasto legado intelectual para a posteridade, que até os dias de hoje produz muita polêmica e acalorados debates. Há quem diga: Marx morreu, porém sua obra, não. Como referencial crítico para analisar a nossa atual sociedade e, no caso o nosso Estado do Ceará, ele é deveras atual.

Que tal conhecer agora suas principais ideias, dentre elas aquelas que inovaram para sua época a maneira de encarar a sociedade. Como Aron (1997) afirmou, as ideias centrais de Marx são mais simples do que aquelas a que se dedicaram seus comentaristas e continuadores de suas reflexões. Vamos procurar mostrar estas ideias, simples como elas são.

Começemos então com a preocupação de Marx com um método que permitisse ir além das explicações positivistas. Karl Marx não aceitou os limites dos positivistas, em especial os de Comte. Também não se conformou com as explicações e soluções românticas dos chamados socialistas utópicos (por exemplo Saint-Simon), pois estes não percebiam a importância do envolvimento dos trabalhadores nas lutas por melhores condições de vida, muito menos nas



#### ATENÇÃO!

As principais obras de Marx foram: Os Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844, A Guerra Civil na França, Crítica da Filosofia do Direito de Hegel, A sagrada família de 1845, A Ideologia Alemã de 1846, Miséria da filosofia de 1847, Manifesto do Partido Comunista de 1848 ( em parceria com Engels), Trabalho assalariado e capital em 1849, 18 Brumário de Luís Bonaparte, e O Capital tendo o livro I sendo publicado em 1867, e os livros II e III, publicados postumamente por Engels.

questões políticas. Marx discordava e não via possibilidade de mudança sem a ação dos trabalhadores. Ele chegou a essas conclusões através do **materialismo histórico** ou dialético

## PRINCIPAIS IDEIAS DE MARX

No que consistiu o materialismo histórico? Esta é uma questão fundamental, pois foi por meio deste método que Marx desenvolveu a maior parte dos seus estudos, com a finalidade de compreender o máximo possível da sua realidade e de identificar os reais causadores dos principais problemas das camadas trabalhadoras. O pensamento social de Marx tinha como meta realizar uma crítica radical ao modelo de sociedade capitalista, pondo em evidência os seus antagonismos e contradições. É aí que está a importância de seu método. Ressaltamos que a ideia era gerar as condições para o advento de uma nova teoria social que fosse crítica e que assumisse como tarefa a explicação da sociedade e, por fim, que a sociedade capitalista desse lugar a uma sociedade socialista.

Marx afirmava que o homem era um ser social, que sua produção era feita por um coletivo, contudo, em muitos momentos da história, expropriada pelos individualistas, membros das elites dominantes, encontradas em várias fases distintas da história do homem.

O avanço das ideias de Marx reside no fato de ele propor um método relacionado com a realidade, que não iria ficar só na teoria ou nas questões de método. A teoria social aí formulada não se limitou a ligar política, cultura, filosofia, economia e antropologia. Ela vai mais além: relaciona teoria e prática, ciência e interesse de classe. O que é isso? As questões da sociedade estão além de apenas patologias sociais ou “anomias”, elas envolvem divergências, conflitos e confrontos entre grupos sociais opostos que Marx denominou de **classes sociais**.

O que Marx pretendia com o materialismo histórico era, por meio de um instrumento de estudo da história, encontrar respostas coerentes, com alternativas possíveis para sua época, uma forma de romper com o capitalismo e com suas implicações na vida social. Ele acreditava que, partindo da investigação sobre a base geradora de todas as relações, seria possível chegar aos seus objetivos. Para tanto, parte da premissa de que uma sociedade qualquer reflete a forma como os



### ATENÇÃO!

Caro aluno, não deixe de ver o glossário que se encontra no ambiente virtual, tanto dos termos que estão em negrito como outros termos importantes.

homens configuram a sua produção social de bens. Isso o levou a entender que, nos muitos momentos de desenvolvimento da história da humanidade, as várias formas de sociedade organizadas tiveram maneiras de produzir, seu sustento. A isso ele chamou de “modos de produção”.

Outros conceitos importantes nesta investigação da sociedade foram trabalhados por ele: forças produtivas e relações de produção.

Forças produtivas são o conjunto das forças de trabalho (a capacidade de produzir do homem), os instrumentos de trabalho e os meios de produção (tudo que gera riqueza), como as fábricas.

E o que são relações de produção? São aquelas que você presencia quando é contratado para trabalhar num determinado local. É como você se relaciona com o seu patrão e ele com você. Os limites definidos, os direitos e deveres de cada lado. É claro que normalmente os padrões destas relações são estabelecidos pelos donos dos meios de produção, quem sabe o proprietário do local em que você trabalha.

Marx, a partir de suas reflexões desenvolveu outros conceitos, dentre eles: classes sociais, trabalho, salário, valor, mais-valia, o papel do estado e a proposta da sociedade comunista.

Convido você a ler sobre Marx no livro e em outras fontes. Você verá que suas ideias ainda são atuais, não para uma revolução armada, mas para criticar as injustiças que o sistema capitalista ainda impõe aos trabalhadores, situação esta de que nem os profissionais de turismo estão a salvo.



## ATIVIDADES DE APROFUNDAMENTO

1. Identifique os objetivos da sociologia nos dois autores apresentados.
2. Aponte o objeto da sociologia em cada um dos autores estudados.
3. Explique fato social, “anomia” e solidariedade em Durkheim.
4. Explique a ação social em Weber.
5. A partir da teoria de Marx, comente salário, divisão do trabalho, mais valia e propriedade privada.
6. Você concorda com Marx quando ele diz que a solução para a sociedade capitalista é a criação de uma nova sociedade? Justifique.

# AULA 2

## Sociologia do turismo

Na aula anterior, você estudou o contexto histórico que deu origem à sociologia, bem como quatro dos seus primeiros pensadores, Comte, Durkheim, Weber e Marx. Agora, você vai utilizar alguns dos principais conceitos estudados para analisar e criticar o turismo.

O turismo, que tem sido foco de estudo da economia, geografia, administração, aqui passa a ser objeto de estudo da sociologia, vez que buscamos entendê-lo como um fenômeno social.

# TÓPICO 1

## Noções iniciais

### OBJETIVO

- Caracterizar o turismo como objeto de estudo da sociologia, definindo uma atenção maior na comunidade local

**E**studamos até agora a origem da Sociologia e seus principais pensadores ou fundadores. Sabemos que, durante muito tempo, o turismo foi foco de estudo da administração, da economia e mesmo da geografia. A princípio ele foi visto em termos operacionais, com destaque para o seu lado comercial, baseado no consumo, nos números ou divisas que poderia gerar.

Falar em turismo seria falar em algo meramente técnico, ou seja, o guia apenas tinha que decorar o manual de informações, o profissional de hospedagem somente saber as suas tarefas pertinentes, além de boa apresentação e delicadeza com os turistas. Para alguns empresários, seria a “galinha dos ovos de ouro”; para o governo, o aumento de suas receitas e a geração de empregos. Não foi à toa que muito se falou, nos anos sessenta, em “indústria do turismo”, a “indústria sem chaminé”. Na verdade, ainda muitos falam. Basta olhar algumas manchetes de revistas e jornais ou ouvir o discurso de algum membro do trade. Os próprios livros que tratam do turismo, ainda empregam a expressão “indústria do turismo”.

A sociologia, com certeza nos ajudará a caracterizar um modelo mais viável de turismo, e mais, a tê-lo como uma prática social. Corrobora nossa ideia Susana Gastal (2004) ao declarar que “antes de ser um fenômeno econômico, o turismo é uma experiência social que envolve pessoas”.

Agora, vamos estudar de maneira mais focada o turismo. Para tanto, aplicaremos alguns dos conceitos que estudamos até então com a finalidade de enquadrar a atividade turística no campo da sociologia. Isso nos remete a uma revisão do fenômeno turístico e de todas as suas implicações, ao ponto de tratá-lo não mais simplesmente como econômico, mas como social.

O Turismo, com suas muitas implicações, não poderia deixar de ser alvo da sociologia à medida que muitas de suas implicações estão diretamente relacionadas com a sociedade, e com os grupos e indivíduos que produzem fatos sociais que dão sentidos as suas ações e que entram em conflitos por seus diversos interesses. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é proporcionar a você condições para analisar a relevância social do turismo e, ao mesmo tempo, criticar os custos sociais gerados por ele e como buscar alternativas diante dos desafios criados pelos impactos ocasionados pela atividade turística.

A partir, então, desta perspectiva, faremos uma abordagem diferente da que se encontra em outras leituras sobre a Sociologia do Turismo, que foca o lazer, as viagens, os turistas e os empresários. Não queremos dizer que estes temas não sejam relevantes, contudo o nosso objetivo nos leva a refletir sobre outros temas e atores envolvidos, comprometidos, direta ou indiretamente, com a atividade turística e por ela influenciados.

Sendo assim, propomo-nos a refletir sobre a comunidade local. Antes de pensar no que o turismo pode possibilitar para a comunidade, esta precisa estar ciente do que ela é, de seus valores, de sua cultura, de sua história, de sua identidade, bem como de sua organização social. A comunidade precisa gostar de si mesma e do que tem, para poder mostrar para outros. E principalmente deve saber dizer “chega” quando o turismo, não o fenômeno em si, mas alguns de seus atores, turistas e empresários, estiverem lhe impondo prejuízos e danos quase irreparáveis.

A comunidade precisa fazer um checkup de suas condições em todos os aspectos possíveis: como se encontra economicamente, seu nível de debate político, a partir da compreensão do que seja a política e como esta lhe pode ser um instrumento de construção de uma sociedade melhor. Para tanto, convém considerar o nível de organização social e política, como uma sociedade civil consciente de suas necessidades e direitos.

## **1. TURISMO: UMA MERCADORIA!**

---

Precisamos ressaltar que a nossa visão do turismo não surgiu do nada. Este enfoque rigidamente econômico, que ainda é dado, não está fora do contexto do capitalismo, nem da economia globalizada. Opa! Coisa nova aqui? Você deve perguntar. Claro que não. Lembramos que o ato de viajar é tão antigo quanto o homem. Os primeiros agrupamentos humanos nômades viviam se deslocando por motivos os mais diversos e, na antiguidade, as viagens dos comerciantes, migrantes, aventureiros,

ou dos romanos eram frequentes. Que tal as Cruzadas na Idade Média ou mesmo a Expansão Marítima Européia no século XVI. Podemos citar o Gran Tour também. Mas todas estas estavam despidas de um elemento que com o capitalismo foi acrescentado: as viagens foram transformadas em mercadoria, como tudo que envolve este processo.

Dentro do sistema capitalista, as viagens passaram a ser elementos negociáveis e fonte de lucro, à medida que os donos dos meios de transporte viram a possibilidade

de cobrar mais, os donos da hospedagem de explorar mais e assim por diante. Se se emprega mais tecnologia é para resultar em mais lucro. O conforto do turista e a otimização do seu tempo são variáveis relevantes aos serviços oferecidos e assim uma maneira de ampliação de riqueza. O turismo virou mercadoria e todos os aspectos envolvidos na exploração, os serviços em geral e os produtos oferecidos se enquadram nas práticas e regras da economia capitalista.



Figura 1: O conforto do turista

É relevante destacar que, nos países desenvolvidos, com o incremento das atividades econômicas, as camadas trabalhadoras também promoveram ações em busca de uma melhoria de vida. Esta luta se estendeu até depois da Segunda Guerra, garantindo vários direitos e avanços para os trabalhadores. Não esqueça que nos países ricos da Europa, como na França, o salário mínimo gira em torno de 1.000 euros.

No caso do Brasil, ainda vale para muitas categorias profissionais a máxima da a-licenação. E mais, quantos trabalhadores do turismo podem fazer “turismo”? Quantos podem se hospedar no hotel ou pousada em que trabalham? Quantos que trabalham em receptivo podem “pagar” por serviço equivalente ao seu?

Não queremos ser malvados em apontar defeitos do turismo; ele tem também o seu lado positivo e é justamente a este ponto que queremos nos dedicar, para entendê-lo como um instrumento de inclusão social, proporcionador de desenvolvimento local, de resgate da cidadania e manutenção da identidade da comunidade local.

Se pensarmos o turismo em sua relevância econômica para Brasil e para o Ceará, concluiremos que ele é uma alternativa viável. Contudo, perceberemos também que ele ocorre de forma irresponsável e, historicamente, sem um planejamento coerente.

Acreditamos que já deu para perceber que nosso foco é o aspecto social do turismo, até onde ele pode contribuir como atividade não só econômica, mas como

instrumento de inclusão social, de maneira que ele seja visto não como “vilão”, mas sim como uma alternativa ou um elemento a mais na solução de problemas acarretados por outras atividades de cunho econômico ou mesmo pela ausência de tais atividades. Este viés, porém, só pode ser concebido como resultado de sério processo de elaboração de políticas públicas que visem à eficiente organização da atividade turística, envolvendo a comunidade local direta ou indiretamente, em parceria com o setor privado, visando a uma efetividade social, ou seja, buscando respostas concretas aos anseios da população local, de modo a garantir uma real mudança de vida, com qualidade, a partir da solução definitiva dos problemas que afetam a população.

# TÓPICO 2

## Impactos sociais do turismo

### OBJETIVOS

- Identificar e analisar as principais expectativas sobre o turismo
- Caracterizar e criticar os principais problemas sociais decorrentes da atividade turística

**N**o tópico anterior, você pôde estudar o turismo como objeto de estudo da sociologia, percebendo a necessidade de romper com os paradigmas que apontavam o turismo apenas como foco de estudo da economia, geografia, administração. Surge agora a necessidade de buscar entender o turismo como um fenômeno social.

Neste tópico e no próximo, você vai se dedicar ao estudo dos principais impactos sociais do turismo, principalmente os negativos, à medida que estes prevalecem no modelo de turismo que vem sendo trabalhado no Brasil, no Ceará e em Fortaleza.

É claro que não somos contra o turismo, mas queremos praticá-lo de forma mais humana e voltada para o social. Daí ser fundamental uma abordagem dos impactos sociais. Vamos ao estudo?

### 1. NOÇÕES INICIAIS

---

Uma pergunta pode estar vindo agora a sua cabeça: já se falou tanto em turismo, mas o que é turismo? Acreditamos que você já deve saber alguns conceitos, fruto da disciplina Fenomenologia do Turismo. Contudo, para não ficarmos sem um norte, apontaremos alguns conceitos, e deixaremos claro qual é a nossa visão e que modalidade de turismo queremos para o nosso Brasil, e em particular, para o Ceará. Supomos que deu para perceber isso com a explanação anterior.

## 1.1 CONCEITOS SOBRE TURISMO

Para o nosso estudo, é relevante abordado o conceito apresentado pela Organização Mundial do Turismo (OMT) em 1994 que conceitua o turismo como “atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros fins”.

Pausemos um pouco nestas considerações da OMT. Parece-nos que o uso do termo lugares distintos do de sua residência excluem as viagens da área habitual de habitação, como as de casa/trabalho ou aquelas que são comuns no seu cotidiano. Vejamos que o conceito abrange genericamente o que o turista faz ao mencionar “as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens”. Que atividades são essas? Será que a prostituição e crime estão dentro deste contexto? Estamos querendo buscar uma reflexão, pois até a exploração sexual de crianças há pessoas mal intencionadas chamando de turismo.

Encontramos uma outra contradição: se as viagens são para lazer a proporcionar prazer, então tratar de negócios não deveria estar aí. O que se alega é o fato de que ao viajar, sair do seu roteiro tradicional, mesmo sendo para negócio, em algum momento, o indivíduo vai se descontraír, ter contato com o novo, com outra cultura, ver coisas diferentes do seu cotidiano, vai ter prazer e satisfação.

Calma, não se desespere, pois não vamos aqui iniciar uma discussão filosófica sobre o turismo, não é o momento para teorizações sobre a atividade, contudo precisamos de alguns parâmetros para prosseguir em nossas reflexões. Lembramos que a definição apresentada pelo OMT, oferece aos seus países - membros um padrão de conceito sobre turismo, porém não limita a verdadeira abrangência do fenômeno .

A partir desse conceito, identificamos quatro atores com perspectivas distintas sobre a atividade:

- os turistas, que buscam várias experiências e prazeres materiais e imateriais;
- os prestadores de serviços e/ou empresários, que visam explorar a atividade para terem lucro;
- o poder público, que vê na atividade muitas qualidades, entre elas econômicas, sociais, culturais, como instrumentos de amenização de problemas da região;
- a comunidade local (receptora dos turistas) que nem sempre está ciente dos benefícios ou malefícios que a atividade pode causar.

Em nossa visão, estes atores desenvolvem as mais variadas relações, a partir das quais as categorias estudadas em Durkheim, Weber, e Marx podem facilmente ser aplicadas. Para cada modalidade de aspectos, podemos aplicar estes pensadores e, é claro, fazermos as nossas adequações da melhor maneira possível. É neste contexto que vamos refletir sobre os problemas sociais que são decorrentes da má orientação e da falta de planejamento da atividade turística em muitos dos municípios brasileiros, especialmente os do Ceará.

## **2. IMPACTOS SOCIAIS DO TURISMO**

---

O turismo é uma atividade relativamente nova em termos de inserção na economia capitalista. Em países com características de pobreza ou em processo de desenvolvimento cujos impactos negativos podem ser desastrosos.

Utilizando outras palavras, podemos conceituar impactos do turismo como os resultados gerados pelo desenvolvimento desta atividade, atingindo a esfera econômica, social, política, cultural, ambiental e psicológica. Como destacamos, nossa ênfase será nos sociais, que são os resultados decorrentes do desenvolvimento da atividade turística nas relações sociais que existiam antes da implantação, durante e depois.

Estas relações envolvem residentes entre si, residentes e empreendedores residentes, residentes e empreendedores estrangeiros e poder público e residente. Nelas, são identificadas discrepâncias no que tange as relações de forte exploração e manipulação social. Os mais fracos politicamente mais desmobilizados são atingidos com mais força.

Você já percebeu isso no município que mora? Antes de nos responder, vamos ampliar nossas reflexões sobre os impactos sociais.

### **2.1 IMPACTOS SOCIAIS**

Vamos agora refletir sobre os impactos sociais, objetos que são, da sociologia do turismo, de grande relevância, principalmente no que concerne às relações sociais decorrentes da atividade turística.

Precisamos destacar que a atividade turística, dependendo de como ela for pensada, planejada, implantada, poderá ter impactos positivos ou negativos, para mais ou para menos cada. O grande problema é que, na realidade brasileira, a tendência é mais para os negativos, apesar de muitos esforços com vistas a uma reversão ou amenização do quadro. Isto nasce principalmente da velocidade das

mudanças ocasionadas pelo turismo, que, de modo abrupto, exige no novo padrão, novos comportamentos e adequações e quando a comunidade local não se encaixa é substituída por trabalhadores que vêm de outras regiões, gerando transtornos e inferências seríssimos.

Beni (2006) destaca que quando ocorrem falhas no planejamento ou ausência deste, surgem rupturas no processo de implantação da atividade turística, provocando a queima de etapas e, por conseguinte, transtornos para a sociedade. Daí se poder falar em anomia simples. Você lembra deste conceito em Durkheim? São anomalias na ordem ou funcionamento da sociedade. Para Marx, são distúrbios sociais gerados pela exploração do trabalhador, em outras palavras, o antagonismo entre os que são donos dos meios de produção e aqueles que esperam uma oportunidade para vender sua força de trabalho.

Segundo Beni (2006), diferentemente dos impactos econômicos positivos, citados euforicamente, os sociais são mais complexos, vez que os indicadores quantitativos não conseguem expressar as dimensões da realidade, sendo necessários indicadores qualitativos, como os de desenvolvimento social e humano. E outro detalhe: muitos destes problemas são ofuscados por outras variáveis.

Na verdade, ocorre uma verdadeira maquiagem, camuflando os impactos como eles são ou escondendo os problemas sociais já existentes, agravados por uma irresponsável aplicação da atividade turística. Você perceberá isso e entenderá melhor por meio das reflexões a seguir.

### **3 .OS IMPACTOS SOCIAIS NA VISÃO DA OMT**

---

A OMT apresenta a questão do impacto social da seguinte forma: tendo em vista que a atividade turística tem um campo de ação em que geralmente entram em contato pessoas de costumes culturais e socioeconômicas bem diferentes, já que implica deslocamento de turistas a uma região distinta do lugar de residência cotidiana, os impactos sociais em um determinado destino turístico são resultados das ditas relações sociais mantidas durante a permanência dos visitantes neste lugar, cuja intensidade e duração são provocados por fatores espaciais e temporais restringidos.

Ainda segundo texto da OMT (1998), citando De Kadt, o encontro entre os turistas e residentes dá-se em alguns contextos, a saber: quando o turista compra um bem ou serviço ao residente; quando ambos compartilham



Figura 2: Turista negociando

os mesmos espaços físicos (praias, passeios, rios, lagos, dunas, dentre outros); quando ambos trocam informações e ideias.

Observamos que os dois primeiros são os contatos mais comuns, principalmente em se tratando de turismo de massas, no qual o visitante não tem interesse em se envolver com os habitantes e com a cultura destes. Como afirmam Mathieson y Wall (1882), apud OMT (1998), o turismo de massas está rodeado pela sociedade receptora, contudo não integrado. Sua visita é inteiramente egoísta, por prazer, satisfação ou novidades, mas não para serem os solucionadores dos problemas dos residentes locais.

Outro agravamento da situação ocorre quando predomina o turismo de segunda residência, quando o visitante passa longas temporadas no destino, podendo surgir vários problemas das relações deste com a comunidade local. As dificuldades aí existentes podem ter origem em vários fatores, dentre eles: idioma, costumes, hábitos diferentes, práticas de consumo e comportamento social, valores religiosos ou éticos.



#### SAIBA MAIS

*Ghettos*: pode significar bairro ou lugar de determinadas minorias étnicas ou sociais, em qualquer cidade ou estado e mesmo país. No sentido do texto, cria-se um lugar atípico em relação à comunidade local que acaba sendo excluída e marginalizada.

Os turistas acabam criando *ghettos* com suas próprias características e valores culturais, provocando a marginalização da comunidade local.

Se a situação ocorre no litoral, no caso da segunda residência, além de perder sua proximidade com o mar, pois vendeu sua casa induzido por várias argumentações, o residente nativo é forçado a se afastar para a periferia. Em cidades grandes, como o caso de Recife, o deslocamento é para uma periferia já existente, reforçando assim o enfavelamento. No meio rural as pessoas se afastam em busca de uma alternativa, abandonam suas casas ou as vendem para latifundiários, passando a ser submissos a empregos subumanos.

#### 4. PRINCIPAIS TIPOS DE IMPACTOS SOCIAIS

Segundo a OMT (1998), dependendo do tipo de turista que visita certa região, o impacto social poderá ser mais ou menos intenso, positivo ou negativo. Em certos casos quando o contato entre turistas e residentes não é muito profundo, a mera observação do comportamento dos visitantes pode induzir a mudanças de

atitudes, valores e comportamentos por parte de habitantes da região receptora. É o denominado efeito demonstração. Como exemplo, citamos o aumento do consumo de vários tipos de produtos, pois, se o turista estava usando, então é bom, pensam alguns nativos.

Certos tipos de impactos podem ser também induzidos. Até já fizemos referência ao tratar do efeito demonstração, que provoca o aumento do nível de vida econômico instigado pelo turismo. A população modifica seu comportamento de consumo, aumentando seu leque de necessidades, muitas delas nem prioridades são. Isso acelera as alterações sociais.

Furtos e roubos podem ser até induzidos por estas novas necessidades de “ter”, mesmo sem precisar. Por exemplo, o jovem local vê o turista com um MP3, mas não pode comprar, sabendo que se tiver um, fará “sucesso”, chamará atenção entre os seus, decide pela apropriação indevida de algo que não é seu. Outro exemplo é o consumo de drogas: o residente vê o turista “fumando maconha” ou outra droga e assimila aquele comportamento.

Vamos agora trabalhar com três exemplos mais específicos sobre os impactos sociais causados pela atividade turística irresponsável. O destaque é para as atividades da pesca, artesanato e agricultura que acabam sofrendo transformações e os seus praticantes migram do setor em que estão para o de serviços, no caso da pesca e agricultura, do primário para o de serviços e do artesanato, do secundário, também para serviços.

Analisando o caso da atividade pesqueira podemos iniciar nossa reflexão fazendo alusão à afirmação de J. M. Thurot, (apud Bacal), apud Beni(2006): “não há nenhum estudo de relevância que comprove em que medida as atividades turísticas de lazer assinalam uma possibilidade efetiva de reconversão real dos rendimentos da pesca nas regiões onde esta atividade está em declínio.”

É preciso verificar o nível de melhoria e mudança provocado pela nova formatação da atividade na qualidade de vida, e saber se além do pescador ou artesão a sua família foi beneficiada. Você deve perceber como esta questão é séria e ampla, pois tocamos no caso do pescador, do artesão, mas existem outros no desenrolar da atividade turística em certa região.

É claro que os instigadores da atividade só veem os interesses financeiros imediatos e não o que pode ser gerado no futuro as consequências negativas para a comunidade. Antes apresentam números com percentuais ousados e animadores para a comunidade, e para alguns de seus supostos representantes. Convencidos

dos benefícios do turismo, estes aceitam qualquer coisa em nome de um famigerado desenvolvimento.

Os impactos sociais começam a ser visíveis muito cedo a partir do início das ações de infraestrutura ligadas ao turismo, como hotéis, estradas, aeroportos, “urbanizações”, construções de casas para segunda residência, dentre outros. São criados os canteiros de obra que, muitas vezes, captam mão-de-obra de outras regiões, na maioria homens, e aí surgem problemas como prostituição, badernas, bebedeiras e até crimes (assaltos, roubos, furtos e assassinatos). Estes problemas acompanham outras realidades e têm outras causas, mas já estão evidentes nas áreas de implantação do turismo.

# TÓPICO 3

## Impactos sociais do turismo: principais problemas sociais

### OBJETIVO

- Identificar e discutir os principais problemas sociais gerados pela atividade turística

No último tópico você estudou os principais impactos sociais do turismo, principalmente os negativos, e que estes prevalecem no modelo de turismo que vem sendo trabalhado no Estado do Ceará, e até no município em que você mora. Para iniciar o estudo destacamos alguns conceitos de turismo e, no livro, enfatizamos algumas expectativas referentes a essa atividade.

Destacamos a visão da OMT sobre os impactos sociais e refletimos sobre eles na realidade de pescadores, artesãos e trabalhadores rurais.

Neste tópico, continuaremos este estudo, abordando mais alguns problemas gerados e agravados pela atividade turística.

### 1. PRINCIPAIS PROBLEMAS SOCIAIS

---

Continuando a abordar os principais problemas sociais gerados ou agravados pelo turismo podemos destacar:

Crescimento desordenado da localidade por conta da vinda de migrantes por motivos variados. Quais seriam estes motivos? Um deles seria: os indivíduos que se deslocam para trabalhar nas obras de infraestrutura, muitas vezes acabam ficando com o fim das obras, dá-se o aumento no número de desempregados na região. Outra migração ocorre com a vinda de mão-de-obra para trabalhar nos empreendimentos e equipamentos montados para o desenvolvimento do turismo. É bom lembrar que nem sempre a comunidade local está apta, ou melhor, qualificada, para exercer certas funções, como gerente administrativo, contador, guia, animador, garçons, camareiras e cozinheiras. Então, pessoas de outras regiões se transferem em busca de emprego.

Por conta disso a comunidade local se vê ameaçada, intimidada, e o que parece trazer melhorias, por conta de mau planejamento, traz mais problemas e agrava os já existentes.

Outro impacto social negativo é a prostituição adulta e infantil. Estes afetam a imagem da atividade turística e da própria comunidade, sendo este um dos grandes desafios para as autoridades públicas estaduais e municipais. Entendemos ser a prostituição um tema complexo que hoje provoca opiniões as mais diversas. Não queremos trazer uma polêmica ou um aprofundamento, mas refletir sobre a sua relação com o turismo, como problema social que é.

Falta emprego, falta educação, falta planejamento familiar. Na maioria das vezes, morando em favelas ou casas bem pobres, sem saneamento, os cobradores na porta, os filhos reclamando por comida, estes seres humanos são levados à prostituição, forçados pelas circunstâncias ou induzidos por cafetões e cafetinas. O problema é mais grave quando atinge menores, induzidas por adultos, em certos casos pelos próprios pais, a se prostituírem. E aí se configura o crime. Agenciamento de crianças menores e mulheres em condição de quase escravidão é crime.

O turismo tem sido autor e vítima deste problema. Não raro ouvimos de hotéis e pousadas recebendo turistas e lhes oferecendo a prostituição, até de menores. Estrangeiros que aliciavam menores já foram presos. Não é preciso procurar muito para constatar. A questão não para por aí. Motoristas de táxi, alguns donos de meios de hospedagem, alguns donos de restaurantes, e outros estabelecimentos ajudam a alimentar este tão vergonhoso crime.

Sabemos que as autoridades federais, estaduais e municipais estão agindo para amenizar esta situação. Lembramos de uma grande campanha que foi promovida recentemente para o enfrentamento da exploração sexual. Ministramos em 2005 e 2006, para duas turmas de Guias de Turismo do Estado do Ceará, o curso de Cultura Cearense. Em parceria com a Secretaria do Turismo (SETUR), distribuímos guias, livretos e cartazes conscientizadores, com vistas a promover o combate a exploração sexual de menores. Outras campanhas forma feitas ao longo de 2006, inclusive com distribuição de adesivos para carros.

Os dados são desestimuladores. Mas, o turismo não é o único responsável por esse triste quadro. Diante disso aqueles que acreditam no turismo como uma boa alternativa econômica e de inclusão social não devem deixar de lutar contra esta situação.

## **2. MAIS ALGUNS IMPACTOS SOCIAIS NEGATIVOS**

---

A lista de problemas não pára por aqui. Vamos destacar mais alguns, a fim de concluir este assunto.

Aumento de outras doenças decorrentes da falta de assistência médica, de saneamento básico, de água potável, da ausência de sistema de coleta de lixo, sem falar da própria ignorância quanto ao que fazer com os resíduos sólidos gerados pelo incremento do turismo. Não podemos nos esquecer das condições precárias do abatimento de animais, quase sempre em instalações inadequadas, bem como a falta de tratamento adequado com o resto destes animais abatidos.

Seguindo esta sequência de problemas, mencionamos ainda a ampliação do consumo de drogas. Vejamos as praias de Prainha, Canoa Quebrada, Jericoacoara e outras como locais onde a prostituição e as drogas são uma realidade. Lembremos das meninas que se vendem para comprar drogas, ou aquelas que traficam para em troca obter drogas, sem esquecer as que usam a droga para terem “coragem” de se renderem a pessoas que nunca viram.

Para finalizar citamos o desemprego. Este vem com o fim das obras ou com o deslocamento de mão-de-obra especializada, e ainda com supressão das atividades tradicionais. O pescador deixa sua profissão porque acha que vai ganhar mais levando turistas para passear, ou trabalhando em hotéis. Vem a baixa estação e ... onde estão os turistas? Tenta pescar, mas não dá para competir com a produção que vem de fora. Desemprego na certa.

O quadro é deveras desanimador, não? É mesmo e a própria comunidade reage de forma negativa ao turismo. No início do ano de 2007 estive em João Pessoa, quando conversei com algumas pessoas de lá, integrantes de algumas instituições de ensino superior. Ao perguntar sobre os cursos de turismo, senti certa rejeição. Indaguei sobre a desconfiança para com o turismo e a resposta foi quase unânime: “não queremos o turismo, para ficar igual a Natal”. Esta resposta foi também a de alguns taxistas, profissionais de educação, pessoas das barracas de artesanato e comidas típicas. O que eles temem? Os problemas que explanamos, pois estes já existem por outros fatores, então não é necessário trazer mais coisas para piorar a situação. A nossa resposta foi uma só: é possível desenvolver o turismo de uma maneira mais simples, suave. De forma sustentável com base local. É claro que este tipo de turismo não é uma “galinha dos ovos de ouro”, mas aponta para o bem estar da comunidade local, e, por conseguinte, o turista fica satisfeito.

A partir de dados do Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), de 1996, podemos apresentar a seguinte tabela com aspectos positivos e negativos, a fim de encerramos este capítulo:

| Aspectos Positivos                                  | Aspectos Negativos                                      |
|---|---|
| Diminuição do índice de desemprego                  | Imigração desordenada                                   |
| Melhoria e desenvolvimento da infra - estrutura     | Aumento da prostituição                                 |
| Capacitação da mão - de - obra                      | Tráfico de drogas                                       |
| Aumento da mão - de - obra especializada            | Acúmulo de lixo urbano e rural                          |
| Melhoria da qualidade de vida                       | Aumento da poluição, congestionamento, e tráfego urbano |
| Conscientização e educação da comunidade            | Exploração do turista                                   |
| Auto-estima na comunicação pela participação direta | Crescimento desordenado e desequilíbrio                 |
| Desenvolvimento da estrutura urbana                 | Aumento da criminalidade e do vandalismo                |
| Aumento de atividades de lazer                      | Desconforto da população local                          |
| Incremento da qualidade de prestação de serviços    | Evasão da população local                               |
| Divulgação do município                             | Rejeição do turista pelos residentes                    |
| Integração e desenvolvimento regional               | Desagregação familiar                                   |
| Contribuição para a paz entre os povos              | Doenças   |
|   | Aumento da população sazonal                            |
|   | Problemas de infra - estrutura básica                   |

Quadro 1: Aspectos positivos e negativos do turismo.

# TÓPICO 4

## Democracia, gestão participativa e desenvolvimento

### OBJETIVOS

- Demonstrar a relevância da gestão participativa na construção de um turismo mais humano, pautado num desenvolvimento com base local
- Conceituar democracia. Analisar a experiência brasileira
- Destacar a existência de comunidades que praticam um turismo comunitário, baseado na proposta de desenvolvimento com base local

**V**ocê se lembra do que estudamos no tópico anterior? Muito bem, os Impactos Sociais do Turismo. E demos destaque a alguns problemas gerados e agravados pela atividade turística, tais como: a prostituição infantil, o crescimento desordenado, o consumo e tráfico de drogas, doenças, dentre outros.

Neste tópico, vamos perceber que a amenização e até solução de alguns destes problemas, como a construção de um modelo de turismo mais humano, sustentável, começa pelo resgate de cidadania. Ou seja, pela compreensão da democracia e da participação do indivíduo, como sujeito ativo de uma comunidade, e ainda pela organização e edificação do turismo sustentável com base local.

Saiba que não estamos falando de utopia, mas de algo real. Vamos descobrir?

### 1. DEMOCRACIA

---

Se vamos estar envolvidos com a construção de um turismo responsável, temos que agir, que resgatar nossa identidade, que estar organizados como comunidade, e fazer valer os nossos direitos como cidadãos de um país que é tido como democrático. Temos que fazer valer nosso direito a uma gestão participativa e assim mudar nossa história para não ficarmos à deriva, ou à mercê de certos governantes.

Uma pergunta muito curiosa e bastante corriqueira pode ser a ponte para o nosso início: o que é democracia? As respostas para esta indagação são imensas e variadas, e, ainda assim, poderemos que não se chegar a uma conclusão. Encontrar

uma resposta para esta questão seria encontrar a “mina do ouro”, o caminho para a “verdadeira felicidade”, a paz, a harmonia, o mais próximo entre o real e o imaginário de democracia. Sabemos que não temos a presunção de apontar ou definir qual o caminho certo, mas pretendemos indicar uma concepção de

democracia. O mais próximo a que se pode chegar aponta para práticas políticas que visem ao bem estar de uma determinada sociedade.

Noberto Bobbio (2000, p. 371) faz a seguinte referência: “A diferença entre a democracia dos antigos e a democracia dos modernos tornou-se um tema tão curricular, não menos do que o tema célebre de Benjamin Constant sobre a liberdade. E, tal como ocorre com a liberdade, refere-se tanto ao uso descritivo da palavra quanto ao uso valorativo”. Prossegue Bobbio: “No seu uso descritivo, por democracia os antigos entendiam a democracia direta, os modernos, a democracia representativa”. Neste contexto, a democracia para os modernos só

pode ser a representativa, à medida em que, a partir da necessidade de trabalhar, e de produzir, delegam-se as decisões políticas para outros.

Será aí então que o povo entra? Será no processo eleitoral? E quem pode votar? Todos? Democracia será só eleição? Claro que as respostas para tais questões carecem de muito cuidado, por não serem tão simples assim.

A grande verdade é que a democracia está no imaginário de muitos que sonham com justiça, paz, felicidade e igualdade. A prática existente no mundo e no Brasil, deixa claro que isso é apenas um lindo sonho. Sua realidade é um longo “vir a ser” que nunca se concretizará. Talvez se chegue perto, perto da sombra do que seria democracia. Pode ser que se consigam muitas vantagens políticas, mas faltarão as sociais, e se estas se concretizarem aquelas faltarão. O mundo globalizado está aí para demonstrar isso. E como então construir o estado democrático que não seja a democracia dos sonhos? Talvez a resposta esteja na participação a partir da esfera local, onde todos têm um papel fundamental. É aqui que entra a sociedade civil.

A sociedade civil é, então, um espaço fantástico para a construção da democracia participativa. É um lugar de atuação em que vários atores sociais



## ATENÇÃO!

Democracia é uma palavra composta por outras duas palavras gregas: demos e cracia que significam o poder do povo, mas quem era o povo? Abrangia a todos? Os direitos eram iguais a todos? Observaremos que a democracia ateniense não era a dos “sonhos dos brasileiros”, como a dos Estados Unidos, também não é. A democracia brasileira precisa ser construída e não copiada.

poderão colaborar e contribuir para a construção de uma vida melhor. E esta participação poderá ocorrer na composição dos conselhos municipais e outros instrumentos de participação que, aos poucos, vão surgindo e evidenciando-se na sociedade.

## 2. A DEMOCRACIA NO BRASIL

---

O Brasil é um país que não tem tradição democrática. Sua formação social e política, sem falar da econômica, é a principal comprovação disso. A evolução histórica brasileira é uma verdadeira demonstração de autoritarismo, desigualdade e repressão. As fases colonial e imperial foram marcadas por tais características, primeiro como reflexo do absolutismo português e depois, do autoritarismo de D. Pedro I e de seu filho D. Pedro II.

Pode-se acrescentar que, na fase republicana, a democracia não fez sentido nem foi prática real na vida dos brasileiros. Vivia-se de aparências, e mesmo quando o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso dizia que estávamos vivendo uma democracia, era da boca para fora, como acontece até hoje. É sinal que estão tentando iludir mais uma vez o povo brasileiro.

Essa visão é cega para algo profundo na sociedade brasileira: o autoritarismo social. Não é à toa que há gente querendo falar só em democracia política. A sociedade brasileira é autoritária porque é hierárquica, isto é, divide as pessoas, em qualquer circunstância, em inferiores, que devem obedecer, e superiores, que devem mandar. Não há percepção nem prática de igualdade como um direito.

Não estamos querendo dizer com isso que todos devem “vestir trajes vermelhos”, mas igualdade de condições é muito mais. A sociedade brasileira também é autoritária porque é violenta; nela vigoram racismo, machismo, discriminação religiosa e de classe social, desigualdades econômicas das maiores do mundo, exclusões culturais e políticas. Não há percepção nem prática do direito à liberdade.

Ora, a democracia é criação e garantia de direitos. A sociedade brasileira, polarizada entre a carência e o privilégio, não consegue ser democrática, pois não encontra meios para isto.

No Brasil, enquanto existir uma “indústria política”- a mídia elege quem tem mais poder e dinheiro, a ideia de que os políticos profissionais são “salvadores da pátria” e a impunidade para os praticantes da corrupção, a democracia ainda estará por ser construída e até inventada.

O sonho de todos os brasileiros é ver o seu país encontrando o caminho da democracia, não nas promessas de palanque, não nos discursos do atual presidente, não em eleições induzidas pela mídia, mas numa construção que começa na casa de cada cidadão, nas relações familiares onde se explica o que é solidariedade, igualdade, diferenças, paz, amor e justiça. Essa prática continua na escola, na universidade, nos grêmios e centros acadêmicos, nas comunidades de bairro e suas associações, para alcançar a gestão municipal (a priori) participativa, com os Conselhos representando os interesses e necessidades dos atores sociais mais carentes.

Este é o processo de construção

### 3. PARTICIPAÇÃO

---

Você pode até estar se perguntando: será possível construir a democracia com maior igualdade social? E qual o caminho? E como isto se aplica ao turismo?

Este é um momento bastante crítico, pois, diante de tal questão, poderíamos desistir e deixar de lado, viver sem compromisso e sem envolvimento com mais nada. Não é isso que propomos. É possível construir uma sociedade mais justa, sim. Uma democracia real e com mais igualdade social. Não é fácil nem será da noite para o dia. Como Boaventura de Sousa Santos (2002) destaca, “é um processo para democratizar a democracia. Já temos o estigma da democracia, precisamos torná-la agora democracia.”

Confuso? Precisamos transformar a nossa democracia em fato, em conquista do nosso povo, sua conquista. Talvez seja complicado tentar fazer a partir do Brasil como um todo, mas se fizermos a partir de partes, aí sim, encontramos o caminho. É do local para o global. É da realidade mais insignificante para a mais complexa. Na estrutura administrativa do nosso país, é do município para o Estado e deste para a Federação. Não é da noite para o dia, repetimos, mas assim é viável.

O local é o caminho. É o caminho para se iniciar uma grande transformação em nossa sociedade e buscar realizar nossas intenções inclusive de um turismo construído com responsabilidade e respeito à comunidade local. Cremos que já deu para perceber que todos os temas trabalhados tem um grande sentido e vínculo. É com base local que podemos pensar em transformações políticas, sociais, econômicas que respeitem o nosso patrimônio cultural e natural.

Estamos aqui, apresentando as possibilidades para iniciar o combate aos vários problemas que mencionamos em aulas anteriores, contudo é relevante saber que, sem a conscientização e organização da comunidade local, tais possibilidades não se realizarão.

O primeiro passo é entendermos que somos cidadãos, seres políticos. Não políticos profissionais, aqueles que fizeram da política um meio de vida, uma forma de ganhar dinheiro. Políticos sim na essência da palavra. Aquele que busca o bem-comum e o bem-estar de sua cidade. Temos que ser cúmplices da construção de uma sociedade melhor, mas depende de nós querermos e não esperar que alguém, um salvador da pátria, apareça e faça por nós.

Somos os grandes responsáveis por quase tudo que acontece no nosso Município, Estado e País. Elegemos o político corrupto uma, duas, três vezes, e fica por isso mesmo. Temos que começar a mudar isso. Consciência, atitude, ação. Você se lembra das nossas primeiras aulas, em que falamos do movimento operário e no contexto que surgiu a sociologia. Precisamos nos apropriar da vontade de ter uma vida melhor que aqueles operários tiveram. Temos que dar um basta e é para já. É democratizar a democracia.

A participação é um dos caminhos. Entendemos por participação o envolvimento que os indivíduos de uma determinada comunidade, município ou sociedade tem na discussão, organização, no planejamento e condução dos assuntos concernentes ao lugar onde mora. Eles não deixam os seus representantes oficiais sozinhos e isolados após o processo eleitoral. E quando chamados à participação atendem. A participação é um instrumento formidável para democratizar a democracia. É a construção da democracia participativa, como bem dizem as ideias de Santos (2002).

### **3.1 FORMAS DE PARTICIPAÇÃO E GESTÃO PARTICIPATIVA**

Ressaltamos que a participação não se limita apenas ao cenário político, ela avança para aspectos sociais e econômicos. É a expansão da democracia nas decisões que envolvem os problemas sociais e econômicos de certa sociedade. É claro que na realidade brasileira, e para nós, cearenses, ainda falta muito a ser percorrida. Nem todos os municípios e estados respeitam a participação popular e, por outro lado, a população, em certos casos, não aceita se envolver.

A participação, é fundamental e o envolvimento da sociedade é a forma de pressionar as autoridades, de exigir políticas públicas mais efetivas para a resolução de problemas que, na realidade brasileira, são, em muitos casos, históricos. Há, contudo um grande problema: a comunidade está desarticulada, sem noção do seu real papel, como cidadãos? Ficamos a mercê dos interesses daqueles que conseguiram colocar no poder seus representantes e, com certeza, não estão

preocupados com a situação da maioria da população. Perdemos oportunidades históricas inclusive de dialogar com os governos municipal e estadual.

Gestão participativa é aquela em que o governo, no nosso caso o municipal, chama a população, a comunidade para se envolver, assumir seu compromisso com o destino de sua sociedade e com os projetos e decisões de sua localidade. É uma forma de expressar aquilo que as autoridades públicas nem sempre conseguem assimilar. Voltemos à pergunta: no seu município, existe gestão participativa? A comunidade se envolve? Que tal discutir isso com seus colegas e amigos? Não custa nada. É cidadania.

O associativismo é uma forma alternativa para que os indivíduos nas comunidades possam se organizar e buscar a solução de seus problemas locais, bem como de promover o desenvolvimento de atividades econômicas que beneficiem toda a comunidade. É neste contexto que o turismo também deve se enquadrar.

Conselhos municipais constituem outra forma de participação como já sabemos. Fazem parte das várias categorias de conselhos setoriais e são instrumentos de expressão, representação e participação popular que têm o desafio de discutir e deliberar sobre determinados temas. Na temática do nosso estudo, são os conselhos municipais de turismo.

Os fóruns são outros espaços de discussão de problemas de determinados setores, contando com um maior número de participantes de indivíduos e instituições envolvidas. Não tem caráter deliberativo, mas, como força de pressão, pode influenciar nas decisões dos órgãos competentes. Afinal de contas expressa o pensamento e vontade de grupos organizados em torno de certo assunto ou problema.

É a reinvenção de um cotidiano que foi imposto e a comunidade o transforma em seu benefício. Como Santos (2002) afirma, “é a antiglobalização. É o local partindo para o global. É a necessidade de se romper com velhas práticas políticas locais, como a corrupção, e reinterpretar e aplicar as exigências que vêm de fora, a fim de evitar que só o trade se beneficie e a comunidade fique alijada.”

Você pode até indagar: isto é possível? Sim é. Temos no Brasil e no mundo e-xemplos de gestão participativa, em que o local se evidencia bem mais e resiste aos transtornos e problemas gerados por modelos sociais e econômicos impostos, como limitando o clientelismo e nepotismo. Sobre a gestão participativa temos como exemplos Porto Alegre, Curitiba, Icapuí (Ceará) e de resistência e construção de uma comunidade participativa, temos Balbino, perto de Pindoretama no Ceará, e ainda neste, a Prainha do Canto Verde, perto de Aracati.

#### 4. DESENVOLVIMENTO COM BASE LOCAL

---

Observemos que tudo que falamos sobre democracia, participação e gestão participativa tem a ver com o turismo. É na gestão participativa que vamos ter a vez e a voz para decidir o tipo de turismo e desenvolvimento que se pretende.

Você já deve ter percebido que o tipo de turismo que queremos é um sustentável com base local, fruto de um planejamento participativo, no qual os anseios, necessidades e temores da população sejam atendidos, visando ao bem-estar da comunidade e, principalmente, minimizar o máximo impactos causados pela atividade turística.

Resta-nos um ponto a ser tratado: o que é desenvolvimento? Podemos dizer que é um processo dialético de melhoria, que implica uma mudança, uma transformação, crescimento e avanço de uma realidade inicial para uma nova condição.

O modelo de desenvolvimento que entendemos é aquele que vai proporcionar uma melhoria na agricultura, na pesca, através de cooperativas e associações, de modo a garantir a integração destas atividades com o turismo, e a proporcionar um arranjo produtivo em que todos possam se beneficiar ao máximo. Atrelado ao planejamento das atividades econômicas devem estar mecanismos de educação e formação profissional, incluindo a inserção de novas técnicas para as atividades já existentes. Respeito total a identidade da comunidade com o local.

O do desenvolvimento, a partir do turismo, deve ter base local, de forma que atenda às necessidades dos residentes, dos turistas atuais, sem comprometer a possibilidade do usufruto dos recursos cultural, natural e humano pelas próximas gerações. Para isso são fundamentais Políticas Públicas de Turismo e planejamento são que tenham como alvo a construção de um turismo mais responsável.

Antes de encerrar esta parte, é fundamental ressaltar que já temos práticas de um turismo mais compatível e tolerável com as necessidades e características locais. Não falamos de utopia, mas de realidade. Tratamos aqui de alguns exemplos que já existem no Estado do Ceará. É a prática do turismo comunitário, que consiste em toda forma de organização empresarial sustentado na propriedade do território e, na autogestão dos recursos comunitários e particulares com práticas democráticas e solidárias, no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados através da prestação de serviços visando ao encontro cultural com os visitantes (Instituto Terramar).

Esta é uma forma de desenvolvimento do turismo sustentável com base local, prática de economia solidária cujo lucro é da comunidade, e contrapondo-se ao mercado capitalista.

No Ceará os exemplos mais expressivos são: Prainha do Canto Verde (no município de Beberibe), Ponta Grossa (Icapuí), Coqueirinho (Fortim), Pousada Tremembé (Icapuí), Bodega (Aracati). Salientamos que estas práticas de turismo comunitário estão sendo possíveis porque as comunidades respectivas estão organizadas em associações ou em cooperativas, e contam com o suporte de instituições e organizações não governamentais, como o Instituto Terramar. Detalhe: estas experiências formam um roteiro de turismo comunitário e de economia solidária.

# AULA 3

## Políticas públicas de turismo

Na aula anterior, estudamos democracia, gestão participativa e desenvolvimento. Vimos como é possível, a partir de uma prática democrática e solidária, a construção de um modelo de turismo sustentável com base local. A comunidade é a mola propulsora do processo, pois é a partir do local que se começa a construção do turismo comunitário. Interessante, não? Bem, mas este é um passo dado pela comunidade. E o poder público, o que faz?

Você já deve ter percebido onde queremos chegar, não? Iniciamos falando sobre sociologia, associamo-la ao turismo, destacando nossa visão sobre turismo e apontando para a necessária e relevante participação sua na construção de uma sociedade melhor. Mas existe um assunto importante que precisamos abordar ainda e que também tem tudo a ver com o turismo, com você e com nossa reflexão sociológica. São as Políticas Públicas de Turismo.

É muito importante você atentar para o fato de que tudo que estamos estudando tem profunda relação e significância para uma alternativa mais humana para o turismo. Vamos ver o que o Estado pode fazer para planejar um turismo com base local.

# TÓPICO 1

## Política

### OBJETIVO

- Caracterizar e contextualizar o termo política

**E**xiste uma palavra que entendemos estar bastante desgastada em nossa sociedade, mas que tem toda uma rigorosa relação com o tema desta nossa aula: é a palavra política.

Nada tão contemporâneo. Basta olhar as manchetes nos jornais ou assistir aos noticiários de TV. Quantos escândalos e decepções envolvendo aqueles que elegemos para serem nossos representantes. Isso afasta as pessoas da política, ridiculariza e macula até aqueles que têm boas intenções, pois passam também a ser desacreditados. Nas comunidades, nos bairros, nos municípios e daí em diante, a desilusão é imensa.

É por isso que muitas pessoas acabam dizendo que a política é uma coisa “nojenta”. Calma, nojenta é a “politicagem”, deturpação do que entendemos por política. Contudo não vamos desistir. Sabemos que não somos os únicos a querer um Brasil melhor.

Entendemos a política como a busca do bem comum. Mas, de onde tiramos este conceito? Vamos explicar. A palavra política é de origem grega (Πόλις), que se refere à antiga cidade-estado, e, em alguns de seus usos, poderia representar ao mesmo tempo a cidade e os seus habitantes. Estes que também eram chamados de *politikos* (πολιτικός ou πολιτισμός), políticos ou cidadãos. Eram os que viviam da e para a polis. O cidadão tinha uma preocupação especial para com a sua cidade, ela era tudo, e merecia uma dedicação filial, de filho para mãe. A essência desta atenção era a busca pelo bem-estar ou bem comum.

Reunidos em praça pública, a “agora” (αγορά), os cidadãos levavam às últimas conseqüências o sentido de comunidade (πολιτεύμα) ou seja, a vida pública discutida em todos os seus sentidos e necessidades.

Todo um estilo de vida cultural da Grécia antiga configurou-se estreitamente vinculado aos acontecimentos da polis. Essa ligação inferia fundamentalmente da organização política, constituída por uma série de cidades-estados fortemente ciosas de suas peculiaridades, de suas tradições, de seus deuses e heróis.

A própria dimensão da cidade-estado definia, de início, grande solidariedade entre seus habitantes, facilitando a ação coercitiva dos padrões de conduta, de uma ética; ao mesmo tempo, propiciava a polis a constituição de uma fisionomia singular, que era o orgulho e o patrimônio comum de seus cidadãos. Seria um grande ufanismo, patriotismo responsável. Não foi à toa que Aristóteles disse ser o homem um “animal político” (zoón politikón), que vive naturalmente em sociedade.

Santana faz uma citação sobre Bertold Brecht que é muito instigante. É forte, se você achou, mas é isso mesmo. Não dá para culpar os “politiqueiros” das safadezas que eles fazem, sem olhar para nossa responsabilidade. Se quisermos mudar algo onde moramos, tem que ser com compromisso e cumplicidade no estabelecimento do bem comum e não da omissão. Não se esqueça de que isso é possível. Demos exemplos, na aula anterior, de turismo comunitário, em que o nível de esclarecimento político leva à participação. Que tal? Você acha possível fazer isso no seu município? Não desista de ter uma sociedade melhor. É possível.



### ATENÇÃO!

O nosso conceito de política refere-se então à busca do bem comum, cuja finalidade é o bem-estar da comunidade, isto é, de todos. A política é uma essência presente em todo cidadão, daí seu compromisso e cumplicidade com o estabelecimento do bem-estar de todos. Não dá para ficar dizendo que a política não é da nossa conta, pois ela o é.

# TÓPICO 2

## Políticas públicas

### OBJETIVO

- Conceituar e caracterizar políticas públicas

**V**ocê deve estar pensando: que coisa complicada! Isso é verdade, pois, ao longo da história elas adquiriram muitas conotações, recebendo assim muitos conceitos. Mas, sem delongas vamos ao que nos interessa: políticas públicas.

E o que são políticas públicas? Temos em particular um conceito bem simples, que expressa a relevância do que seja a política pública.

Normalmente, conceituamos as políticas públicas como o conjunto de doutrinas, princípios, diretrizes e ações de um determinado governo, visando à consecução de determinados objetivos identificados junto à sociedade, num determinado setor. Como exemplo, temos a Política Pública de Turismo.

Bem, teoricamente, isso não se dá de forma aleatória, deve ser fruto de um estudo que, por sua vez, leva a um diagnóstico de como a sociedade está e, por conseguinte, identifica os problemas e os caracteriza. Com isso, pode ter uma tomada de posição e decisão que venha a definir as ações do governo para resolver ou amenizar tais problemas.

Este estudo pode ser provocado por necessidades gritantes, denunciadas pela própria sociedade. Pode ser resultado da intenção do próprio governo de verificar as necessidades da população. Pode ser decorrência da pressão de certos segmentos da sociedade ou já estar estabelecido na nossa Constituição. Deste último podemos dar como exemplo a educação. É um direito garantido por lei cuja aplicabilidade o poder público deve garantir.

Sabemos, contudo, que nem sempre a prática condiz com a realidade. Políticas públicas bem elaboradas e aplicadas no Brasil é novidade. Imagine o Ceará e seus

vários municípios. Da criação do Estado Brasileiro (1822) até a Nova República, as políticas públicas no Brasil foram pontuais e sem efetividade social.

É no governo Fernando Henrique Cardoso que vamos perceber com mais clareza uma maior organização das políticas públicas no Brasil, a partir da preocupação com mais efetividade que passa a estar presente nos responsáveis pela elaboração e aplicação desses instrumentos.

Não queremos dizer que chegou a um ponto satisfatório, e de real compromisso social. Mesmo no governo de Lula, a corrupção e o nepotismo maculam a eficiência e efetividade das políticas públicas. Detalhe fundamental: as políticas públicas no Brasil têm um caráter compensatório, isto é, apenas repararam os danos causados por um modelo econômico de exclusão social.

Observamos que, se quisermos que o poder público atue mais efetivamente nas questões sociais, temos que estar organizados para pressionar e reivindicar ações mais diretas que possam atingir a raiz dos problemas. Segundo Cunha (2002), o processo de formulação de uma política envolve a identificação dos diversos atores e dos diferentes interesses que permeiam a luta por inclusão de determinada questão na agenda pública e, posteriormente, a sua regulamentação como política pública. Só com a organização da sociedade civil o Estado vai atender as necessidades reais da população. Basta você lembrar de Balbino e Prainha do Canto Verde e verá que, por meio de luta organizada, se consegue inclusive a democracia participativa.



Fonte: DEAD-IFCE

Figura 1 - Prainha do Canto Verde

# TÓPICO 3

## Políticas públicas de turismo

### OBJETIVO

- Conceituar e relacionar políticas públicas e políticas públicas de turismo

Quando falamos sobre os impactos sociais, talvez tenha ficado a impressão de que o turismo não presta e não tem jeito. Não era essa a nossa intenção, por isso, em alguns momentos, reiteramos que aquele modelo de turismo era irresponsável, sem planejamento, isto é, descomprometido com o bem estar da sociedade. Isso implica que as políticas públicas de turismo, no Ceará, têm sido pontuais, e só interessantes para investidores que, na prática, não colaboram para reais melhorias da população. É claro que temos exceções e nem tudo está perdido.

Nesse contexto, vamos abordar as políticas públicas de turismo numa perspectiva voltada para o social e comprometida com o estabelecimento do bem-estar da comunidade local, visando sempre ao bem comum. Um turismo assim promovido, não só satisfaz a comunidade, mas também ao turista e a todos os envolvidos no processo. Detalhe: desde que os atores estejam bem esclarecidos dos parâmetros dessa modalidade de turismo e assumam a responsabilidade para a boa efetividade social, o sucesso da atividade está garantido.

É relevante informar que nas políticas públicas de turismo o Estado define o seu papel em relação à atividade turística, estabelece o norte para as suas relações com o setor privado, em todos os seus níveis.

Você pode estar perguntando: por que o Estado tem que se intrometer na atividade turística? Por que tem que elaborar e aplicar políticas públicas no Turismo? Talvez estas suas indagações sejam fruto de uma visão distorcida que

muito se espalhou em nosso Estado, sobre o turismo: a visão que o turismo é algo apenas para o setor produtivo, para empreendedores e que o governo só deve fazer o que beneficia o desenvolvimento da atividade turística dos empresários.

Isso é um equívoco, talvez até reforçado pelas ideias neoliberais que pairaram sobre o governo brasileiro na gestão de Fernando Henrique Cardoso (principalmente). Entretanto, podemos apresentar alguns motivos fortes para a necessária intervenção pública, de preferência com a participação da comunidade, na atividade turística.

Dentro deste raciocínio, apresentamos a política de turismo como uma forma de intervenção do Estado na atividade turística com as finalidades de gerar condições de existência das pequenas empresas, cooperativas e associações; assegurar a preservação, conservação e controle dos bens públicos; combater os custos sociais da atividade turística.

O grande desafio e a função da política de turismo, de acordo com a OMT (1998), consistem em compatibilizar o princípio de liberdade econômica e de empresa com a preservação das vantagens estruturais que assegurem a continuidade da atividade em condições adequadas. Em outros termos, é compatibilizar a competitividade das empresas com o bem-estar de residentes e turistas. A partir de uma visão e postura de sustentabilidade com base local, todos os atores envolvidos deverão estar dispostos a assumir o desafio de praticar o turismo com vantagem.



## GUARDE BEM ISSO!

Entendemos políticas públicas de turismo como sendo um conjunto de orientações, princípios, diretrizes, regras, leis e ações que visam à consecução de objetivos traçados junto à sociedade para o responsável desenvolvimento da atividade turística com base local.

Este nosso conceito já traz em si uma tomada de posição ao modelo que queremos de turismo. Para chegar a ele, é necessário um processo racional, de planejamento, implantação e avaliação da política de turismo.

# TÓPICO 4

## Políticas públicas de turismo: O papel do estado

### OBJETIVO

- Conceituar políticas públicas e políticas públicas de turismo

**N**os tópicos anteriores iniciamos nosso estudo das políticas públicas de turismo, dando enfoque a alguns conceitos relevantes que as diferenciam das demais políticas públicas, bem como àqueles que lhes são comuns.

Neste tópico, você continuará a estudar políticas públicas de turismo, com destaque para o papel do Estado, para o desenvolvimento delas no Brasil, no Ceará e em Fortaleza. Você também terá uma noção da importância das Políticas de Turismo para os municípios.

Lembramos a necessidade de você estar sempre lendo o nosso livro e realizando as pesquisas e visitas nos sites recomendados, pois só assim você fortalecerá seus estudos.

### 1. O PAPEL DO PODER PÚBLICO

---

Para iniciar nossa reflexão sobre o papel do poder público, precisamos identificar e compreender as áreas de engajamento do setor público na atividade turística. Lembramos que, como a Política Pública de Turismo é setorial, ela está ligada à economia, como todas as outras, mas nem por isso deixa de ter uma face fundamentalmente social. Neste contexto, podemos melhor compreender a relação do turismo com as outras políticas públicas e o próprio papel do poder público na promoção do turismo.

Para uma maior efetividade social da política de turismo, ou de qualquer outra, deve haver a interação dos setores públicos, como educação, saúde, saneamento, infra-estrutura, segurança, transportes, dentre outras, o que evita desperdícios e ações redundantes e possibilita maior eficiência na implantação da política de turismo.

Sabemos que as áreas de engajamento da política de turismo estão repletas de problemas que só esta política não é suficiente para saná-los. Assim, surge a necessidade de entregar políticas e instituições, o que já está se tornando uma prática em alguns órgãos de turismo nas esferas federal, estadual ou municipal. Contudo, ainda encontramos os “estrelismos”, ou seja, aqueles gestores que se acham iluminados e julgam que só com palavras vão resolver os problemas do seu setor.

Dias (2003), com algumas adaptações nossas, apresenta as seguintes áreas de envolvimento dos governos no turismo: coordenação, planejamento; legislação e regulamentação; empreendimentos, incentivo e fomento; promoção do turismo e atuação social.

É oportuno destacar a atuação social, considerando o turismo como instrumento de inclusão social através da geração de empregos, organização de associações e capacitação profissional. Em segundo lugar, conforme Dias (2003):

O Estado pode promover o turismo em camadas sociais menos favorecidas, contribuindo para a expansão da atividade e para a ampliação do exercício do direito ao lazer, no caso turístico. Isso pode-se traduzir em incrementar o turismo social, tipo de turismo subsidiado pelo Estado, e outras organizações sociais, como sindicatos, com estímulo e apoio do governo. Nos destinos turísticos, pode-se incentivar a construção de colônia de férias, através da doação de terrenos, ou cessão por determinado período de tempo para Associações e Organizações Sindicais.

Percebemos então que o Estado tem um papel de indução e controle da atividade turística, não sendo um “empresário”, mas também não estando isento do seu papel social.

## **2. DESENVOLVIMENTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE TURISMO NO BRASIL**

Uma questão poderia ser agora levantada: se as políticas públicas são tão relevantes e tem tremenda influência nos rumos do turismo, por que a atividade se apresenta com tantos problemas e impactos negativos no Brasil?

A questão é que pensar de forma elaborada, sistemática, racional e social o turismo no Brasil é coisa recente, daí ser relevante apresentar, de forma breve, as

principais fases do desenvolvimento das políticas públicas de turismo. Destacamos que foi só na Era Vargas que o poder público no Brasil passou a dar relativa atenção ao turismo, embora a temática turismo, a partir daí, tenha estado sob a responsabilidade dos mais diversos setores da gestão pública.

Tendo em vista as mudanças ocorridas no setor, Cruz (2001, p. 45) afirma:

Esta circulação da atividade turística por tão diversas esferas da administração pública, conduz a diferentes interpretações. Uma delas está associada ao fato de o turismo nunca ter estado entre as prioridades das políticas federais de desenvolvimento, do que seria resultado a “fraqueza política” do setor, traduzida na inconstância dos organismos oficiais encarregados da gestão da atividade.

Tido como setor menos importante dentro do conjunto das atividades produtivas no país, o turismo era transferido de um para outro órgão da administração pública, devido à atuação de grupos ligados à atividade, e à sua respectiva articulação com diversas esferas do poder público.

Por fim, algumas dessas transferências teriam simplesmente decorrido de mudanças de governo, geralmente acompanhadas por reformas estruturais na máquina administrativa.

Felizmente, apesar desta variação, percebemos que, em suas várias fases, a relação entre Estado e Turismo no Brasil amadureceu. Não está ideal, mas já apresenta um bom nível de responsabilidade. É claro não dá para voltar no tempo e corrigir os erros, mas dá para não mais insistir neles, começando por seguir um caminho mais sustentável para a atividade.

Em relação às principais fases do desenvolvimento das políticas públicas de turismo, gostaríamos de destacar três relevantes momentos:

1. Primeira Política Nacional de 1966,
2. Segunda Política Nacional de 1996
3. Criação do Ministério do Turismo em 2003.

Estes momentos sinalizaram mudanças de atitude e compreensão do poder público para com a importância do turismo para a sociedade brasileira e para o desenvolvimento do país.

Veja a sequência das fases do desenvolvimento das políticas de turismo no Brasil.

| Período | Acontecimento   |
|---------|---|
| 1938    | Primeira real intervenção pública no turismo, com a fiscalização de agências e venda de passagens.  |
| 1939    | Criação da Divisão de Turismo ligada ao DIP.  |
| 1946    | Subordinação da atividade turística ao Ministério da Justiça e Negócios.  |
| 1948    | Subordinação ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.   |
| 1958    | Criação da Comissão Brasileira de Turismo (COMBRATUR), que possibilitou o início pueril do plane-jamento na atividade turística.  |
| 1959    | A COMBRATUR ficou subordinada diretamente à Presidência da república.   |
| 1961    | Divisão de Turismo e Certames (dubiedade de funções com a COMBRATUR)  |
| 1963    | Subordinação ao Ministério da Indústria e Comércio.   |
| 1966    | - Estabelecimento da Primeira Política Nacional de Turismo.<br>- Criação da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR).<br>- Conselho Nacional de Turismo.  |
| 1985    | Criação do Programa “Passaporte Brasil” para a promoção do turismo interno.   |
| 1991    | - Transformação da Empresa Brasileira de Turismo em Instituto Brasileiro de Turismo, que passou a exercer as funções de formular, executar e fazer executar a Política Nacional de Turismo.<br>- Extinção do Conselho Nacional de Turismo.<br>- Vinculação à Secretaria do Desenvolvimento Regional da Presidência da República, da qual a EMBRATUR passou a fazer parte. |
| 1992    | - Subordinação ao Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo.<br>- Criação do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRO-DETUR).  |
| 1996    | Lançamento da Segunda Política Nacional de Turismo.   |
| 1998    | Subordinação do Turismo ao Ministério do Esporte e Turismo.   |
| 2002    | Resgate do Conselho Nacional de Turismo.  |
| 2003    | - Criação do Ministério do Turismo, grande salto de qualidade para o turismo brasileiro.<br>- EMBRATUR passou a ter a função de promoção do produto turístico Brasil.<br>- Lançamento do Plano Nacional de Turismo.<br>- Lançamento do Programa de Regionalização Turística.<br>- Salão Brasileiro de Turismo.  |
| 2006    | - Primeiro Encontro Nacional do Programa de Regionalização do Turismo – Roteiro do Brasil.  |
| 2007    | - Lançamento do Plano Nacional de Turismo – 2007 a 2010.  |

Quadro 1: Desenvolvimento das Políticas de Turismo no Brasil

Seria interessante analisar com calma cada um desses momentos. Infelizmente, temos que deixar para outra ocasião. Isso não significa que você não possa visitar o site do Ministério do Turismo e explorá-lo. Contudo, vamos apontar alguns dos principais programas da Política de 1996 e do Plano Nacional de Turismo de 2007.

A política de 1996 foi uma das mais bem elaboradas no que concerne ao processo metodológico.

Vejamos os principais programas:

Em 1996:

| PRINCIPAIS PROGRAMAS DA POLÍTICA NACIONAL DE 1996  |
|--|
| 1. Imagens do Brasil.  |
| 2. Inserção competitiva do Brasil em fóruns internacionais.  |
| 3. Ampliação e aperfeiçoamento do programa de estatísticas básicas do turismo.   |
| 4. Defesa do consumidor.   |
| 5. Qualificação profissional para o Turismo.   |
| 6. Conscientização e iniciação escolar para o Turismo.   |
| 7. Programa de ação para o desenvolvimento integrado do Turismo.   |
| 8. Programa nacional de ecoturismo.  |
| 9. Calendário nacional dos dias azuis – baixa estação.   |
| 10. Albergues da juventude.  |
| 11. Clube da maior idade.  |
| 12. Programa Nacional de Financiamento do turismo.   |
| 13. Programa nacional de municipalização do turismo – PNMT: Conscientização da sociedade para a melhor importância do turismo com o instrumento de crescimento econômico, geração de empregos melhoria da qualidade de vida da população e preservação de seu patrimônio natural e cultural. Aparelhamento dos municípios brasileiros de potencial turístico de condições técnicas e organizacionais para promover o desenvolvimento da atividade turística. Descentralização das ações de planejamento, com vistas a motivar o município como um todo, transmitir as técnicas básicas do planejamento turístico, de forma a capacitá-lo a elaborar seus próprios planos de desenvolvimento. |

Em 2007:

**Em relação ao Plano Nacional de 2007 a 2010, vamos apresentar os principais programas, observando que o programa de regionalização, através dos roteiros do Brasil, constitui o carro-chefe nas ações do Ministério do Turismo:**

1. Implementação e desenvolvimento da Política Nacional de Turismo.
2. Avaliação e monitoramento do Plano Nacional de Turismo.
3. Relações Internacionais.
4. Sistema de informações do Turismo.
5. Competitividade do turismo brasileiro.
6. Ampliação da malha aérea internacional.
7. Integração da América do Sul.
8. Integração modal nas regiões turísticas.
9. Planejamento e gestão da regionalização.
10. Estruturação dos segmentos turísticos.
11. Estruturação da produção associada ao turismo.
12. Apoio ao desenvolvimento regional do turismo.
13. Atração de investimentos.
14. Financiamento para o turismo.
15. Articulação interministerial para infra-estrutura de apoio ao turismo.
16. Apoio à infra-estrutura turística.
17. Normatização do turismo.
18. Certificação do turismo.
19. Qualificação profissional.
20. Promoção nacional do turismo brasileiro.
21. Apoio à comercialização nacional.
22. Promoção Internacional do turismo brasileiro.
23. Apoio à comercialização internacional.

# TÓPICO 5

## As políticas de turismo no Ceará

### OBJETIVO

- Identificar e analisar o desenvolvimento das políticas públicas de turismo no Brasil, no Ceará e em Fortaleza

**A**té o momento, demos um destaque às políticas públicas de turismo, podendo parecer que a elaboração das políticas públicas ocorra apenas na esfera federal. Na verdade as esferas estadual e municipal também montam políticas públicas para o setor.

Rapidamente, vamos tecer algumas considerações sobre as políticas públicas de turismo no Ceará e em Fortaleza, tendo em vista o nosso espaço em termo de aula, e também por ser mais recente a ideia de políticas públicas organizadas e sistematizadas, de caráter social, ponto que talvez fique só no discurso das autoridades.

No Ceará, o turismo passou a atrair o interesse da autoridade apenas na década de 70, sendo marco neste processo a criação da Empresa Cearense de Turismo (EMCETUR), no governo do Coronel César Cals de Oliveira, com o intuito de incentivar o turismo no Estado. Entretanto, o órgão não avançou, tendo em vista a falta de infra-estrutura e de um aparato necessário para o desenvolvimento da atividade. Lembre-se do que já mencionamos sobre políticas públicas e desenvolvimento.

Sendo assim, o turismo foi sendo conduzido no Ceará, e de reflexo em Fortaleza, de forma amadora, com políticas públicas pontuais, visando a um desenvolvimento equilibrado e sustentável para o Estado. As consequências disso foram terríveis, sendo amargadas ainda hoje.

Em 1979 foi lançado o Plano Integrado de Desenvolvimento Turístico do Estado (PIDT), iniciado com a preocupação de preparar mão-de-obra para a atividade. Dividiu-se o Ceará em seis zonas turísticas, incluindo litoral, sertão e serras. Como não havia material voltado para o turismo, iniciaram-se pesquisas na área que foram de suma relevância para o desenvolvimento do turismo no Estado.

No primeiro governo de Tasso Jereissati, ele, que via no turismo oportunidade de desenvolvimento econômico, extinguiu a EMCETUR e criou a Companhia de Desenvolvimento Industrial e Turístico do Ceará (CODITUR), passando a olhar o turismo com a mesma importância econômica das indústrias. Nesse governo, ocorreu a busca pela qualificação profissional, que dura até hoje; a estruturação da atividade e a preocupação de fazer com que o Ceará se transformasse em destino turístico consolidado e não apenas sazonal.

Foi somente no segundo governo de Tasso no Ceará, já estudamos um pouco sobre isso, que o turismo passou a ser tratado sob uma ótica mais racional do ponto de vista do planejar. Até então, tinha sido conduzido de forma irregular, desordenada e comprometedora. Um dos grandes passos para essa mudança foi a criação da Secretaria de Turismo do Estado do Ceará (SETUR). Com isso, o turismo se tornou mais dinâmico. O órgão tinha como objetivos consolidar o Ceará como destino turístico e garantir a melhoria da qualidade de vida para a população. Vale observar que, a partir da SETUR, passou-se a pensar o turismo não só para o presente, mas para o futuro, criando planos para o crescente desenvolvimento da atividade.

O grande problema é que operacionalizar tudo isso carece de gente que entenda do turismo e não foi isso que aconteceu na totalidade. Muitos dos que assumiram a chefia da secretaria estavam mais preocupados com números e estatísticas e esqueceram o mais importante: a construção de um turismo sustentável com base local, não só no discurso, mas na prática. Os resultados nós já apresentamos quando falamos sobre os impactos sociais negativos do turismo.



Figura 2 - Tasso Jereissati

Fonte: <https://bit.ly/2HfEboK>

# TÓPICO 6

## Políticas públicas de turismo em Fortaleza

### OBJETIVO

- Identificar e analisar o desenvolvimento das políticas públicas de turismo no Brasil, Ceará e Fortaleza

**N**o que se refere a Fortaleza, a situação é muito mais crítica. O descaso das autoridades municipais foi gritante. Basta lembrar de Fortaleza no governo de Juraci Magalhães. Os órgãos municipais de Fortaleza de maior expressão que lidaram com o turismo, foram: a Fundação para o Desenvolvimento Turístico do Município (FORTUR), criado na gestão Cambraia; a Fundação de Cultura, Esporte e Turismo de Fortaleza (FUNCET), criada na gestão Juraci Magalhães, em 1999; e, mais recentemente, a Secretaria de Turismo de Fortaleza (SETFOR), criada na gestão da prefeita Luizianne Lins, em 2005.

É claro que, para Fortaleza, que sempre esteve à mercê das ações do governo estadual no que concerne ao turismo, a criação da SETFOR foi um grande passo, principalmente se olharmos para o período de 1994 a 2002, quando a autoridade municipal não queria saber de nada sobre o turismo,. Sobretudo porque não dava voto.

Porém, o Ceará e Fortaleza, ainda têm muito a caminhar nessa estrada em busca de um turismo mais humano, isso se a nossa população assim entender. Não se esqueça sobretudo que já falamos, de qual é nossa visão sobre o turismo.

Ressaltamos que falamos nesses órgãos porque são eles os responsáveis pela elaboração e condução das políticas públicas de turismo em cada esfera. Mas você pode estar se perguntando: por que em meu município não há uma secretaria de turismo, e sim uma fundação? Veja: os órgãos governamentais aos quais o turismo está subordinado podem variar de acordo com as organizações administrativas, de município para município, de estado para estado e até de país para país.

Eis alguns exemplos de termos que nomeiam esses órgãos: Comissão de Turismo, Instituto de Turismo, Empresa Turística, Companhia de Turismo, Corporação Turística, Associação, Fundação, Empresas mistas de Turismo, Agências de desenvolvimento turístico, dentre outros.

Internacionalmente, também existem órgãos que tratam especificamente do turismo. Citamos:

- OMT (Organização Mundial do Turismo): principal órgão de orientação e indução da atividade turística no mundo.
- WTTC (World Travel and Tourism Council)
- Iata (Associação Internacional de Transporte Aéreo)
- Icao (Organização Internacional da Aviação Civil)
- Organizações internacionais para o desenvolvimento
- Especificamente no Brasil, temos:
- Ministério do Turismo: Ministro Luiz Eduardo Pereira Barreto Filho
- EMBRATUR: Jeanine Pires
- Conselho Nacional de Turismo: Formado por várias entidades privadas, ligadas à atividade turística e por entidades públicas ligadas ou afins à atividade turística.
- Órgãos estaduais de Turismo: No caso do Ceará, a SETUR, cujo secretário é o senhor Bismarck Maia.
- Órgãos municipais de Turismo: No caso de Fortaleza, a SETFOR, cuja secretária é a senhora Patrícia Aguiar.



## ATIVIDADES DE APROFUNDAMENTO

1. Estabeleça o seu conceito de política.
2. Leia o texto de Brecht e o relacione com as pessoas do município em que você vive.
3. Estabeleça o seu conceito de políticas públicas.
4. Pesquise sobre a avaliação de políticas públicas e analise a sua relevância.
5. Explique o que são políticas públicas de turismo.
6. Comente a necessidade de intervenção pública no turismo.
7. O que são custos sociais e como combatê-los?
8. A política de turismo do município em que você mora visa o turismo sustentável com base local ou apenas a uma fonte de lucro para uma minoria? Pesquise e critique.
9. Descubra qual o órgão responsável em seu município pelas políticas de turismo.
10. Faça uma pesquisa mais detalhada sobre o programa de regionalização do turismo, quem sabe até explorando melhor o site do Ministério de Turismo. Identifique em qual roteiro integrado seu município está inserido. Comente-o, apontando para pontos positivos e negativos. (<http://www.turismo.gov.br>).
11. Leia o texto sobre as Políticas Públicas nos Municípios e compare com a realidade de seu município.

# AULA 4

## Cultura e turismo

Infelizmente, estamos chegando ao fim de nossos estudos. Não poderíamos deixar de tocar em um assunto também muito relevante tanto para a sociologia como para o turismo: a cultura.

Nas aulas anteriores, estudamos as Políticas Públicas de Turismo destacando o papel do Estado na operacionalização delas no Brasil, no Ceará e em Fortaleza. Você pôde também fazer uma atividade sobre a importância das Políticas de Turismo para os municípios e participou do fórum que tratou do programa da regionalização do turismo: roteiros do Brasil.

Como mencionamos no início, nesta aula você estudará a relação entre Turismo e Cultura, partindo de alguns conceitos acerca de cultura, turismo cultural e patrimônio cultural.

Espero que você tenha aproveitado o máximo este tempo que passamos juntos. Foi um prazer trabalhar com você.

# TÓPICO 1

## Cultura

### OBJETIVO

- Estabelecer algumas reflexões sobre cultura

**E**stamos chegando ao fim de nosso estudo sociológico de alguns aspectos relacionados ao turismo e simultaneamente à sociedade. Entendemos que outros temas poderiam estar presentes nestas reflexões, contudo temos certos limites de tempo e espaço para este material. Ainda falta abordar um tema que tem forte relação com a atividade turística e faz parte da produção do cotidiano de uma sociedade em suas várias formas de interação: a cultura.

Apesar de parecer simples a concepção de cultura, ela não o é. É um termo cheio de armadilhas, que possibilita um leque de explicações. Este termo adquiriu, ao longo da história, vários significados, diferentes interpretações e conceituações, conforme o contexto ou corrente filosófica e ideológica considerada. Estes diversos sentidos da palavra também variaram de acordo com a aplicação em determinado ramo do conhecimento.

Particularmente, entendemos cultura como tudo aquilo que o homem produz, quer material ou imaterialmente, com a finalidade de adequar o meio a suas necessidades. O homem, diferentemente de outros animais, não nasce com mecanismos naturais como garras, presas e pêlos mais desenvolvidos. Ele precisa criar meios de proteção, o que implica em tomar o que lhe é necessário. O que é natural, ou seja, tirar da natureza. Quer as roupas que vestimos, quer o modelo econômico do nosso país, a estrutura social, os tipos de famílias, as manifestações populares, as crenças religiosas, a caneta que usamos, as ideias políticas, os símbolos, os sistemas de valores, tabus e muito mais, tudo é criação do homem.

Segundo Brandão (1990) o homem tem a capacidade de criar, pensar, estruturar seus raciocínios e suas ações, que o faz diferente dos outros animais. Daí, todo esse conhecimento e criação da humanidade é denominado de cultura.

Conforme Brandão (1990, p. 9):

A cultura surge das relações que os homens travam entre si e com o meio em que vivem, em busca da própria sobrevivência. É um produto do trabalho do homem e de tal forma inerente à sua vida, que podemos afirmar que não existe ser humano sem cultura, bem como que todo ser humano é produto de sua cultura. Em outras palavras, o homem é produto e produtor da cultura.

Apesar disso, não existe um só indivíduo que domine todos os elementos ou traços culturais da sociedade em que vive. Assim, vamos encontrar diferentes manifestações culturais de indivíduo para indivíduo, ou de grupo para grupo de uma mesma sociedade e entre sociedades diferentes. A participação na cultura é seletiva e depende de vários fatores, tais como faixa etária, sexo, condições sócio-econômicas e outros.

Pela citação acima, podemos perceber que cada ser humano e cada sociedade produzem cultura, apesar de diferentes. Por isso, não podemos tentar segregar sociedades cujas culturas não são iguais à nossa. Não podemos cair no erro de dizer que uma sociedade é superior a outra pelo fato de suas culturas serem diferentes;



Figura 1 - Diversidade étnica

não existe cultura inferior ou superior, são apenas diferentes. Também não se pode dizer que fulano é culto e beltrano não, simplesmente porque fulano gosta de música clássica e beltrano de forró. São manifestações culturais diferentes, além de representar uma questão de gosto.

Estas diferenças também existem porque a cultura é dinâmica e a cada ano que passa sofre acréscimos, transformações, mutações, adequações, aperfeiçoamentos. A cultura, por conseguinte, nem sempre é a mesma. Ela aparece com formas e características distintas ao longo da história, das sociedades e do espaço geográfico. É só comparar certos comportamentos dos nossos avós com os nossos: o tipo de namoro, ou hábitos alimentares.

# TÓPICO 2

## Identidade e turismo cultural

### OBJETIVO

- Analisar a relação entre identidade e turismo cultural

**E**speramos que tenha dado para perceber que existem culturas diferentes e que elas são suficientes para os fins a que se propõem. Cada sociedade a produz para sua satisfação, para suprir o que está faltando, o que gera diversidade. É aí onde está a riqueza. Mas também é neste cenário que encontramos um outro aspecto fundamental: a identidade de uma sociedade ou de um povo. Brandão (1990) coloca que a cultura é um documento vivo da história da humanidade, de um povo, de uma comunidade. É o atestado de o inglês ser inglês; de o brasileiro ser brasileiro. É a identidade na diversidade cultural.

A cultura é a força maior e mais ampla produtora de patrimônio. Força que envolve o pensar, o sentir, o fazer e desfazer, o viver, o existir, enfim representa, o símbolo mais profundo que desvenda a forma *sui generis* de um povo, ou seja, sua identidade.

É aqui que poderemos fazer a ponte com o turismo e dar sequência a nossas reflexões. No nosso entender, de forma bem ampla, turismo é a troca de culturas. É o encontro e desencontro de diferenças culturais, é uma rica dialética que vislumbra e encanta, espanta e desencanta. Neste contexto, temos o grande aspecto do turismo: conhecer diferentes culturas. Não é à toa que tem crescido, ano após ano, a ideia e prática do turismo cultural. Mas o que é isso? E o que pode ocasionar para a comunidade local? Vamos descobrir.

Concebemos o turismo cultural como uma forma de turismo que representa

a consumação e a comercialização da cultura. O turismo cultural está relacionado atualmente com o interesse dos turistas em conhecer o que os habitantes fazem, seus costumes e hábitos, incluindo a cultura popular, a arquitetura, os eventos festivos, os museus e o patrimônio histórico arquitetônico.

Segundo Macena (2003), o turismo cultural é aquele que tem como principal atrativo os aspectos culturais da localidade, seu patrimônio material e imaterial. Ora, atrativo turístico são os elementos naturais e culturais que servem para motivar o turista a fazer a visitação. Para o nosso estudo, ficamos com o aspecto cultural. Nada mais fantástico do que conhecer as diferenças culturais. E aí que percebemos o quanto esta modalidade de turismo, tem a crescer.

É claro que, para que os atrativos culturais sejam inseridos na modalidade turismo cultural, é fundamental que outras condições sejam atendidas a fim de que tais atrativos assumam a condição de produtos turísticos e estejam prontos para serem visitados. Devem se juntar ao atrativo o planejamento, a identificação e preparação de serviços turísticos (como hotéis), a infraestrutura, os serviços públicos e urbanos necessários para apoio aos residentes e turistas, além de definição de capacidade de carga e que tipo de público se quer receber. Não podemos esquecer que o patrimônio cultural deve estar em condições de ser apresentado, caso contrário em vez de atrativo será um repulsor de visitantes, tanto nativos como turistas.

Ressaltamos que adotar a prática do turismo cultural em uma região não deve ser uma atitude simplória, ou desleixada, apenas como mais uma opção da diversificação de destinos e roteiros turísticos. Deve ser uma atitude racional, fruto de uma decisão participativa em que a comunidade, lado a lado com o poder público e setor investidor (os que vão entrar com o dinheiro), assume o compromisso de desenvolver o turismo cultural sustentável com base local.



Figura 2 - Turismo Cultural

# TÓPICO 3

## O turismo e seus impactos positivos e negativos

### OBJETIVO

- Destacar os principais impactos culturais da atividade turística

A prática do turismo cultural pode ser muito favorável para o patrimônio cultural, porquanto valoriza de vários aspectos como a culinária, o folclore, o artesanato, as festas, as danças, as crenças, os monumentos históricos e edificações de valor artístico e arquitetônico, além de definir nova funcionalidade para os monumentos.

Neste contexto inclui-se a aplicação de recursos no restauro e conservação do patrimônio e a realização de campanhas de conscientização sobre a relevância do patrimônio cultural de maneira geral, incluindo o respeito a determinados hábitos de certa região que estão ligados ao fazer, como a atividade das rendeiras ou dos pescadores.

De acordo com a OMT (1998), o turismo pode ajudar a incentivar o interesse dos residentes pela cultura local, por suas tradições, seus costumes e patrimônio histórico, pois os elementos culturais com valor para os turistas se recuperam e se conservam, de modo que podem ser incluídos na experiência turística. Este despertar cultural pode constituir uma experiência positiva para os residentes, fornecendo-lhes certa consciência sobre a continuidade histórica e cultural de sua comunidade.

Com isso, vamos ter a preservação e reabilitação de monumentos, edifícios, lugares históricos, a revitalização dos costumes locais, tais como, artesanato, folclore, festivais, culinária, dentre outros.

Dessa forma a adoção e execução do turismo cultural devem ser originadas de uma Política Municipal de Turismo, que, segundo Almeida (2007, p. 156), deve ser pouco autoritária e conduzir a uma gestão integrada da atividade turística “que responda à preservação da beleza e da qualidade do entorno, incorporando sistemas tecnológicos de informação para o visitante e uma proposta de regulamentação de fluxos e de melhoria da participação dos cidadãos e empresarial na definição e comunicação de objetivos”.

Não se pode pensar em turismo cultural sem o envolvimento da comunidade de forma participativa. A população local é o primeiro visitante de sua cidade ou município. Nosso estudo rompe com o paradigma conceitual da OMT (que vimos em aulas anteriores).

Na verdade, se não ocorre uma responsável implantação do turismo cultural, e se é só para dizer que foi feito, os resultados com certeza serão desastrosos, não passarão de máscaras ou engodos. Não é o que queremos ou propomos. Contudo sem um racional planejamento do processo, com políticas públicas específicas e integradas os impactos negativos serão mais intensos.

Quais são esses impactos? Bem, vamos apresentar alguns de maneira geral, tendo em vista que as especificidades devem ser estudadas e diagnosticadas por meio de pesquisas direcionadas para cada caso onde se identifiquem os ditos impactos, coisa que para este momento não será possível fazer.

Veja os principais impactos negativos na tabela abaixo.



Fonte: wikipedia.com

Figura 3 - Edifício histórico

| IMPACTOS CULTURAIS NEGATIVOS DO TURISMO  |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- Perda de identidade cultural.</li> <li>- Aculturação da comunidade, gerando a ideia equivocada de que a cultura do visitante é melhor do que a dos residentes.</li> <li>- Choque cultural por conta de valores e costumes diferentes, o que gera um decréscimo da cultura local.</li> <li>- Por conta do turismo de massa , podem ocorrer depredação e destruição do patrimônio;</li> <li>- Ainda por conta do turismo de massa, podem acontecer a difusão e a permanência de imagens estereotipadas sobre determinados países e seus habitantes, tal como o Brasil ser apenas o país do carnaval, o que não é verdade</li> <li>- Provocação de baixa estima na comunidade receptora.</li> <li>- Invasão de privacidade.</li> <li>- Depreciação e até perda da linguagem local.</li> <li>- Mudança de hábitos e costumes tradicionais da região.</li> <li>- Por conta do turismo de massa, principalmente, as relações entre turistas e residentes passam a ser apenas comerciais. O visitante é visto como “mais um” que vai gastar, e o residente como um mero objeto ou atrativo, que desperta com curiosidade e até indiferença.</li> </ul> |

Quadro 1: Impactos culturais negativos de turismo

Não nos esqueçamos de que estes impactos sociais podem ocorrer, por não haver um planejamento adequado da atividade turística.

# TÓPICO 4

## Patrimônio cultural e histórico de Fortaleza

### OBJETIVO

- Analisar e criticar a importância do patrimônio cultural de Fortaleza, ou de uma certa comunidade, como forma de resgatar sua memória e identidade

A partir de agora, vamos começar uma reflexão sobre o patrimônio cultural e histórico de Fortaleza, como exemplo da relevância da cultura como atrativo turístico, além de ser esta uma alternativa para valorizar e preservar o nosso patrimônio.

Fortaleza é hoje uma das maiores cidades do Brasil, sendo também uma das mais procuradas pelos turistas. Além de ser o portão de entrada do Estado, possui um vasto atrativo turístico, como praias, passeios marítimos, áreas verdes, pólos de lazer, shoppings, centros comerciais, casas de shows e um maravilhoso patrimônio cultural. Este último é muito rico e variado, porém nem sempre valorizado como deveria. principalmente quando nos referimos ao patrimônio histórico e arquitetônico.

Esta situação está se modificando, mas ainda não é a ideal. Para isso, tem sido proveitosa a intenção do Ministério de Turismo de promover a diversificação e estruturação de novos roteiros e destinos turísticos, possibilitando assim o desenvolvimento de outros segmentos do setor que até então estavam alijados por fugirem do trinômio de “praia, sol e mar”. Com a diversidade, têm-se mais atrativos, mais turistas, mais renda e empregos. É aqui que se insere o Turismo Cultural.



Fonte: wikipedia.com

Figura 4 - Cidade de Fortaleza

É preciso, então, que haja um engajamento do Governo Estadual e da prefeitura para contornar a situação mencionada. Que se invista na difusão, no resgate e no respeito da formação e evolução do povo cearense. Isto não é “bairrismo”, mas sim cidadania. É bom lembrar que a Secretaria de Cultura atual (2005) tem desenvolvido esforços e ações para uma conscientização e resgate de nossa cultura. Exemplo disso é o programa dos “Mestres da Cultura”. A própria FUNCET (responsável pela cultura por parte do município de Fortaleza) tem se esforçado para a revalorização de nossa cultura.

É fundamental que o povo de Fortaleza e do Ceará, como um todo possa ter o direito de acesso aos bens materiais e imateriais que representam o seu passado, a sua tradição, enfim, a sua história, a sua cultura. Assim, o povo estará integrado ao seu passado e à sua realidade atual, será um sujeito da história, como também um “turista local”, capaz de preservar, respeitar e exigir que isso seja feito por aqueles que, infelizmente, não estão comprometidos com a cultura e história local.

Acreditamos que já se deu para perceber que a nossa intenção é destacar a relevância do patrimônio cultural, principalmente o histórico e arquitetônico. Deve-se observar que um atrativo com grande potencial, tanto no sentido histórico, cultural, econômico e social, pode gerar empregos, além de funcionar como mecanismo para sua própria preservação e conservação. Um bom exemplo foi a restauração do sobrado do Dr. José Lourenço na Rua Major Facundo, no Centro de Fortaleza.

#### ARTIGO 216.

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Quadro 2: Artigo 126 da Constituição Brasileira de 1988

Você pode estar perguntando neste momento: O que é patrimônio? Essa pergunta pode ser respondida ao se citar o artigo 2162 da Constituição Brasileira de 1988. Veja:

Pode-se perceber que patrimônio abrange um leque imenso de elementos, com origem tanto nas elites como nas camadas pobres e até no meio ambiente – a natureza. Observa-se então que quando se fala em patrimônio histórico e arquitetônico, não se restringe apenas a aquilo que foi “tombado”, mas a tudo que pode representar o resgate da memória de um povo. Ressaltamos que se deve preservar um bem cultural se ele tem significado para a comunidade em que está inserido e se essa preservação possibilita a melhoria da qualidade de vida de seus moradores e contribui para a construção de sua identidade cultural e, por conseguinte, para uma experiência real de cidadania.



## ATIVIDADES DE APROFUNDAMENTO

1. Compare a cultura erudita com a cultura popular.
2. Explique o termo turismo cultural e apresente suas vantagens para o patrimônio cultural de certa localidade.
3. Apresente os principais impactos culturais da atividade turística.
4. Explique patrimônio, restauração, preservação, conservação e tombamento.
5. No seu município, quem é o responsável pelo patrimônio cultural? Existem políticas públicas, tanto de turismo como de cultura voltadas para a valorização do patrimônio cultural? Comente.
6. Analise a relação entre identidade cultural, memória e turismo.
7. Como está a situação do patrimônio histórico arquitetônico do seu município? Analise-a e comente com seus colegas.

# REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda. **Desafios e possibilidades de planejar o turismo cultural**. In Turismo de Base Local. Organizador: Giovanni Seabra. João Pessoa: Editora UFPB, 2007.

ARON, Raymond, **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes; Brasília: Editora da UNB, 1982.

BARBOSA, Lúcia (organizadora). **Programa Nacional do PNT: Normas, Procedimentos e Metodologia**. Brasília. Sebrae.1996

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 13. ed. rev. e atual. Campinas: Papirus, 2003.

\_\_\_\_\_, Margarita. **Planejamento e organização em turismo**. 9. ed. Campinas: Papirus, 1991.

BATISTA, Cláudio Magalhães. Memória e Identidade: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. In **Caderno Virtual de Turismo** nº. 17, ISSN: 1677-6976 setembro de 2005. Acesso em <<http://www.ivt-rj.net/caderno/> .>

BENI, Mario Carlos. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.

BELLONI, Isaura; MAGALHÃES, Heitor de; SOUSA, Luzia Costa de. **Metodologia de Avaliação em políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2000.

BENEVIDES, Ireleno Porto. **Turismo e Prodetur: Dimensões e olhares em Parceria**. Fortaleza. EUFC. 1998.

BOBBIO, Noberto. **O Futuro da Democracia: uma defesa das regras do jogo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

\_\_\_\_\_. **Teoria Geral da Política: A filosofia política e as lições dos clássicos**. Rio de Janeiro. 2000.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio histórico e cultural**. São Paulo: Aleph, 2002.

CARVALHO, Alyson (organizador). **Políticas Públicas**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Proex, 2002.

CASTRO, Anna M<sup>a</sup> de & DIAS, Edmundo Fernandes. **Introdução ao pensamento sociológico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1976.

CASTRO, Celso Antônio Pinheiro de. **Sociologia Aplicada ao Turismo**. São Paulo: Atlas, 2002.

CAVALCANTE, Bianor Scelza; RUEDIGER, Marco Aurélio; SOBREIRA, Rogério (organizadores). **Desenvolvimento e construção nacional: políticas públicas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

COHEN, Ernesto. **Avaliação de projetos sociais**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

CORDEIRO, Celeste. **“Pensar o Brasil – 500 Anos” e “Democracia e poder local no Brasil: desafios atuais”**.

CORIOLANO, Luzia Neide Menezes Teixeira e SILVA, Sylvio C. Bandeira de Mello e. **Turismo e geografia: abordagens críticas**. Fortaleza: Ed. UECE, 2005.

CORIOLANO, Luzia Neide. **O Turismo nos Discurso, nas Políticas e no Combate à Pobreza**. São Paulo: Annablume, 2006.

CORIOLANO, Luiza Neide M. T. (organizadora). **Turismo com Ética**. Volume I. Fortaleza. Ed. FUNECE, 1998.

COSTA, Cristina. **Sociologia: Introdução à Ciência da Sociedade**. 2. ed. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

CHACON, Vamireh. **Max Weber: a crise da ciência e da política**. Rio de Janeiro: Forense- Universitária, 1988.

CHEVALLIER, Jean-Jaques. **As Grandes Obras Políticas de Maquiavel a nossos dias**. 7. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

CRUZ, Rita de Cássia. **Política de Turismo e Território**. Contexto, 2000.

DIAS, Reinaldo. **Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2003.

\_\_\_\_\_, **Sociologia do turismo**. São Paulo: Atlas, 2002.

DURKHEIM, Émile, **Sociologia e Filosofia**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1970.

\_\_\_\_\_, **A Divisão do Trabalho Social**. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1977 (2 vols.).

\_\_\_\_\_, **O Suicídio: estudo sociológico**. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1977.

\_\_\_\_\_, **Sociologia**. Org. José Albertino Rodrigues. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_, **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

FARIAS NETO, Pedro Sabino de. **Gestão efetiva e integrada de políticas públicas: fundamentos e perspectivas para o desenvolvimento sustentável**. João Pessoa: Ideia, 2004.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Sociologia Crítica**: alternativas de mudança. 13. ed. Porto Alegre: Edições Mundo Jovem, 1987.

HOBSBAWM, Eric... [et al.], **História do marxismo 1** - O Marxismo no tempo de Marx. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learnig, 2003.

JANDAT, Abu-El-Haj (organizador). **Estado, cidadania e políticas públicas**. Fortaleza: Editora UFC, 2002.

JAPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. 3. ed. ver. ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1996.

LIMA, Simone Oliveira, Cidadania, participação e organização comunitária. In: MARTINS, Clerton(organizador). **Turismo, cultura e Identidade**. São Paulo: Roca, 2003.

LIMA, Luiz Cruz (organizador). **Da cidade ao campo**: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza: UECE, 1998.

LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão Munchhausen**: marxismo e o positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Busca Vida, 1987; pp. 9-95.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Tradução: Contexto Traduções. São Paulo: Aleph, 2006.

MAAR, Wolfgang Leo. **O que é Política?** São Paulo. Editora brasiliense, 1988.

MAMEDE, Vera Sylvia de Matos Dourado. **Participação**: sejamos capazes de imaginá-la e vive-la. In: MARTINS, Clerton(organizador). **Turismo, cultura e Identidade**. São Paulo: Roca, 2003.

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é sociologia**. 38. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Primeiros Passos : 57)

MARTINS, José de Souza (org.), **Introdução Crítica à Sociologia Rural**. São Paulo: Hucitec, 1985.

MARTINS, Clerton. **Turismo, Cultura e Identidade**. São Paulo, Editora ROCA. 2003.

MITZMAN, Arthur. **La Jaula de Hierro**: Una interpretación histórica de Max Weber. Madrid: Aliança Editorial, 1976.

MOLINA, Sérgio. **O pós-turismo**. Tradução de Roberto Sperling - São Paulo: Aleph, 2003.

MONICA, Laura Della. **Turismo e folclore**: um binômio a ser cultuado. 2. ed. São Paulo: Global, 2000

MOSER, Giancarlo. **Antropologia do turismo, sociologia e história**: temas e reflexões. Indaial: Ed. ASSELVI, 2004.

- OLIVEIRA, Antônio Pereira. **Turismo e Desenvolvimento**. 4. ed. São Paulo, Editora Atlas. 2002.
- OMT. **Introducción al turismo**. Madri (Espanha), 1998
- PAIVA, M<sup>a</sup> das Graças de Menezes V. **Sociologia do turismo**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2000
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Plano Nacional de Turismo**. 2003.
- \_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Turismo**. Ministério do Turismo, 2007 a 2010.
- BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio e Turismo. **Política Nacional de Turismo**: 1996 a 1999. EMBRATUR, 1996.
- RODRIGUES, José Albertino. **Durkheim**. 9. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Desenvolvimento com base local como bandeira de uma Política de emancipação e Afirmação**. In: SOUZA, Maria José de. (ORG).
- RODRIGUES, Adyr Balastrieri (organizador). **Turismo e desenvolvimento local**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- RODRIGUES, Linda Maria. Patrimônio Cultural: Cidade, cultura e turismo. In: **Turismo com Ética**, organização: Luzia Neide M. T. Coriolano. Fortaleza, FUNECE – 1998.
- ROUSSEAU, Jean- Jacques. (1978), **Do Contrato Social**. São Paulo. Abril Cultural.
- RUSCHMANN, D. van de M. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. Campinas: Papyrus, 1997. (Coleção Turismo).
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Democratizar a democracia**: os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SARTORI, Giovanni. **A Teoria da Democracia Revisitada**. São Paulo, Editora Ática, vol.2, 1994.
- SEABRA, Geovanni (organizador). **Turismo de base local**: identidade cultural e desenvolvimento regional. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.
- SOUZA, Maria José de (organizadora). **Políticas Públicas e o lugar do turismo**. Brasília: UNB; Departamento de Geografia; Ministério do Meio Ambiente, 2002.
- WEBER, Max. **Sociologia**. (org. Gabriel Cohn). São Paulo: Ática, 1979.
- \_\_\_\_\_. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Livraria pioneira, 1985.
- TOLEDO, Benedito Lima de. Bem Cultural e Identidade Cultural. In **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 20**, 1984.

# CURRÍCULO

## **Marcus Tullius Soares Falcão**

Possui graduação em História pela Universidade Estadual do Ceará (1992), mestrado em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará (2003) e é Doutor em Geografia pela UNESP Rio Claro. Coordenou a Área de Turismo e Hospitalidade do CEFET-CE (2000 a 2002). Coordenou o Curso de Especialização em Políticas Públicas do Turismo (2004 a 2009) e o Curso de Especialização em Políticas Públicas e Desenvolvimento de Destinos Turísticos (2009 a 2011). Exerceu a Chefia do Departamento de Ensino do Campus Aracati de 2011 a 2013. Atualmente é professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, Campus Fortaleza. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Local e do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: história e turismo, políticas públicas, cultura, desenvolvimento turístico e patrimônio.

